

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

**INDICATIVO E/OU SUBJUNTIVO EM  
ORAÇÕES COMPLETIVAS OBJETIVAS  
DIRETAS DO PORTUGUÊS:  
UMA VOLTA AO LATIM**

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

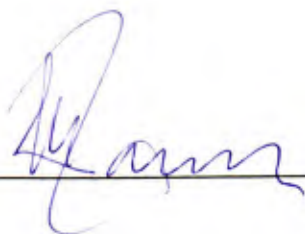
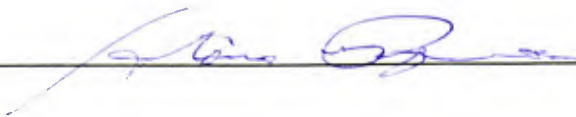
orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade  
Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos necessários  
à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Dissertação aprovada pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. MARIA SUELI DE OLIVEIRA PIRES  
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em  
Letras - Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG

Belo Horizonte, de Agosto de 1996.

Para meus pais Nair e Gamaliel, que com muito amor me ensinaram  
a lutar e a ser forte.

“(...) nihil tam utile quam diligi, nihil tam inutile quam non amari”.

(Santo Ambrósio)

Para Leonardo e Silvinha, que com tanta compreensão e amor me apoiaram nos momentos em que o cansaço parecia me dominar, e a quem devo meus momentos de verdadeira alegria.

“O quid solutis est beatius curis,  
Cum mens onus reponit, ac peregrino  
Labore fessi uenimus larem ad nostrum,  
Desideratoque acquiescimus lecto?”

(Catulo)

Agradecimento especial para Tila,  
que com muita competência e amizade soube me orientar.

“Stat sua cuique dies, breue et inreparabile  
tempus omnibus est uitae; sed famam  
extendere factis, hoc uirtutis opus”.

(Virgílio)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos e amigos, que sempre estiveram torcendo pelo meu sucesso;

Ao Mestre Antônio Martinez de Rezende, pelo acompanhamento imprescindível durante todo o desenvolvimento dessa dissertação;

Aos professores do Departamento de Letras Clássicas da FALE/UFMG, pelo apoio e presença indispensáveis;

A todos os professores do programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho;

À professora Jânia Ramos, pelas entrevistas e por todo o apoio e interesse;

Ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e à Secretaria do Curso de Pós-Graduação, pela ajuda constante.

“Est enim amicitia nihil aliud, nisi omnium diuinarum humanarumque rerum cum beniuolentia et caritate consensus”.

(Cícero)

# SUMÁRIO

<u>Conteúdo</u>	pág.
<b>Lista de quadros e tabelas</b> .....	<i>vii</i>
<b>Lista das abreviaturas utilizadas ao longo da dissertação</b> .....	<i>viii</i>
<b>Sinopse</b> .....	13
<b>Introdução</b> .....	15
<b>Capítulo 1 - Apresentação do Problema</b> .....	19
1.1- INDICATIVO e/ou SUBJUNTIVO ? Norma x Uso.....	20
1.2- A Escolha do Tipo de Oração.....	27
1.2.1- INDICATIVO x SUBJUNTIVO em orações adverbiais....	28
1.2.2- INDICATIVO x SUBJUNTIVO em orações adjetivas.....	29
1.2.3- INDICATIVO x SUBJUNTIVO em orações completivas..	30
1.3- O Porquê de se Voltar ao Latim.....	32
1.4- Mudança em andamento ou variável estável ?.....	35
<b>Capítulo 2 - Oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO: do Latim Clássico ao Português Contemporâneo</b> .....	39
2.1- MODO X MODALIDADE.....	39
2.2- Gramáticas do Latim Clássico.....	44
2.3- Estudos sobre o Latim Vulgar.....	50
2.4- Gramáticas Históricas do Português.....	55
2.5- Gramáticas Normativas do Português Contemporâneo.....	62
2.6- Estudos sobre MODO verbal em diversas Correntes da Linguística Contemporânea.....	67
2.6.1- Grupo I.....	68

<u>Conteúdo</u>	pág.
2.6.2- Grupo II.....	75
2.6.3- Grupo III.....	78
2.7- Abrindo Perspectiva para uma Nova Análise.....	81
<b>Capítulo 3 - Descrição dos corpora</b> .....	91
3.1- Escolha da Sincronia Passada.....	91
3.2- Escolha do Texto.....	95
3.3- A Coleta de Dados do Latim.....	96
3.4- Sobre os Programas do Pacote VARBRUL 2S.....	98
3.5- Análise Quantitativa do <b>corpus</b> da <b>Peregrinatio Aetheriae</b> .....	101
3.6- Levantamento de Dados para Formação do <b>corpus</b> do português contemporâneo.....	113
3.7- Análise Quantitativa do <b>corpus</b> do português contemporâneo.....	115
<b>Capítulo 4 - Conclusão</b> .....	128
<b>Appendix 1 - Ocorrências de Orações Completivas Objetivas Diretas na <b>Peregrinatio Aetheriae</b></b> .....	135
<b>Appendix 2 - Dados do Português Contemporâneo</b> .....	147
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	153



# LISTA DE QUADROS E TABELAS

<u>Conteúdo</u>	pág.
Quadro 1- Variável estável x mudança em andamento.....	36
Quadro 2- Oscilação modal: <i>scire</i> /saber x <i>uelle</i> /querer.....	86
Tabela 1- Orações Completivas Objetivas Diretas no texto <b>Cena Trimalchionis</b> .....	92
Tabela 2- MODALIDADE do Vmatriz.....	107
Tabela 3- Porcentagem de Ocorrência de IND, SUBJ e INF em cada uma das MODALIDADES.....	108
Tabela 4- Tempo do Vcompl em latim.....	110
Tabela 5- Pessoa e número do Vcompl.....	111
Tabela 6- Verbos factivos e não-factivos I no <b>corpus</b> do português contemporâneo.....	117
Tabela 7- Tempo do Vcompl no português contemporâneo.....	124
Tabela 8- Nível de escolaridade dos informantes.....	126
Tabela 9- Faixa etária dos informantes.....	127

# LISTA DAS ABREVIATURAS UTILIZADAS AO LONGO DA DISSERTAÇÃO

adj.=adjetivo

adv.=advérbio

adverb.=adverbializado

anaf.=anafórico

COMP=complementizador

COND=condicional

conj.=conjunção

dat.=dativo

dem.=demonstrativo

distrib.=distributivo

fut.=futuro

imp.=imperativo

ind.=indicativo

IND=indicativo

indef.=indefinido

inf.=infinitivo

INF=infinitivo

int.=interrogativo

masc.=masculino

neg.=negativo

neut.=neutro

nom.=nominativo

num.=numeral

perf.=perfeito

pess.=pessoal

pl.=plural

p.p.=pessoa do plural

pret.imp.=pretérito imperfeito

pret.perf.=pretérito perfeito

pres.=presente

prog.=programa

pron.=pronome

p.s.=pessoa do singular

quant.=quantificador

rel.=relativo

subj.=subjuntivo

SUBJ=subjuntivo

subs.=substantivo

subst.=substantivado

Vcompl=verbo da oração completiva

Vmatriz=verbo da oração matriz

### **Obras e autores citados:**

Andr.=*Andria*

Amer.=*Pro Roscio Amerino*

Asin.=*Asinaria*

Capt.=*Captiuos*

Cic.=Cícero

Cist.=*Cistellaria*

Laet.=*Laelius* ou *De Amicitia*

Leg.=*De Legibus*

Per.Aeth.=*Peregrinatio Aetheriae*

Pseud.=*Pseudolus*

Petron.=Petrônio

Plaut.=Plauto

Sat.=*Satyricon*

Ter.=Terêncio

## SINOPSE

Analisa-se nesse trabalho a questão da oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas no português contemporâneo e no latim do século IV, utilizando-se como **corpora** 97 sentenças obtidas através de transcrição de 30 entrevistas individuais, para a descrição do português contemporâneo, e o texto **Peregrinatio Aetherae**, para a descrição do latim. Os dados do português contemporâneo e do latim do século IV são submetidos primeiramente a uma análise quantitativa, utilizando-se os programas do pacote VARBRUL para microcomputadores, e, em seguida, a uma análise qualitativa dos resultados obtidos, a exemplo de Tarallo (1983, 1991) e Cohen (1986, 1989), dentre outros. A análise quantitativa baseia-se em metodologia variacionista, segundo Labov (1972a) e seus seguidores, principalmente Scherre (1993). A análise qualitativa tem como ponto-de-partida a conceituação de MODALIDADE tal como proposta por Lyons (1977).

Dentre os fatores analisados, verifica-se que a seleção ora de INDICATIVO, ora de SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas está associada à MODALIDADE expressa pelo Vmatriz e também ao tempo do verbo da oração completiva, tanto em latim, quanto no português contemporâneo.

Apesar de o grupo de fatores “faixa etária” mostrar-se irrelevante para a seleção modal por parte do falante do português contemporâneo, caracterizando essa oscilação modal como uma variável estável, a comparação entre esses processos de oscilação aponta para um processo de mudança no sistema de complementação que se desenvolve no eixo do tempo, um processo que se realiza através de características semânticas (MODALIDADE) dos itens lexicais envolvidos.

## INTRODUÇÃO

“(...) hos succesus alit: possunt, quia posse uidentur”.

(Virgílio)

No presente trabalho, analisa-se o problema da oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas, procurando-se identificar o tipo de processo que subjaz a essa oscilação, se esta seria um processo de mudança em andamento, ou se se trataria de uma variável estável.

A justificativa para se analisar o problema da seleção do MODO verbal reside no fato de que se pode verificar uma discrepância entre a norma prescrita pela gramática normativa portuguesa, em relação à distribuição dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, e o uso que o falante faz desses MODOS, uma discrepância que se manifesta através de duas maneiras:



I- com determinados verbos, há uma ampliação dos contextos em que é possível utilizar tanto INDICATIVO, quanto SUBJUNTIVO;

II- com outros verbos, há uma diminuição dos contextos de oscilação entre esses mesmos MODOS.

Essas duas maneiras, através das quais se manifesta a discrepância entre a norma prescrita e o real uso da estrutura pelo falante, embora aparentemente opostas, apontam para um mesmo processo: a ampliação do uso do MODO INDICATIVO, com a conseqüente redução do uso do MODO SUBJUNTIVO.

Em geral, estudos que tratam da questão do MODO verbal em português negam a gramaticalidade de orações que apresentem o MODO INDICATIVO em contextos “reservados” ao SUBJUNTIVO, um posicionamento certamente baseado na acepção de que a língua falada apresenta frases mal formadas, que os próprios falantes condenam, sendo estas a expressão de dificuldades relativas à performance, que se coloca “in the way of the full display of the speaker’s competence”<sup>1</sup> (Labov, 1972a, p.188). Nesse trabalho, entretanto, parte-se dos seguintes princípios, estabelecidos por Labov (1972a, p.203):

I- a agramaticalidade da língua falada é um mito, que não possui base em fatos reais;

---

<sup>1</sup>“(…) no caminho da expressão completa da competência do falante”.

II- a língua é um sistema heterogêneo, ao qual é inerente a variação.

Com base no exposto acima, o problema da seleção ora de INDICATIVO, ora de SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas foi analisado como uma regra variável, que pode ser condicionada por fatores estruturais (MODALIDADE do verbo da oração matriz, tempo do verbo da oração completiva, dentre outros), e/ou não-estruturais (idade, nível de escolaridade, etc). Para se conseguir avaliar até que ponto os fatores selecionados para análise atuam nesse processo específico, optou-se por formar um **corpus** representativo da estrutura de orações completivas objetivas diretas no português contemporâneo, que foi submetido a uma análise quantitativa através dos programas do pacote Varbrul, a partir da qual foi feita a análise qualitativa.

Além do **corpus** do português contemporâneo, optou-se por formar um **corpus** representativo do uso dessa mesma estrutura no latim vulgar, com o objetivo de estabelecer uma comparação entre o processo de diferenciação modal ocorrido em latim e o processo de diferenciação modal que está ocorrendo no português contemporâneo.

No capítulo 1, é feita a apresentação do problema, com a discussão de todas as estruturas que apresentam a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO no português, contrapondo-se as estruturas previstas pela

gramática normativa às estruturas que refletem o uso de INDICATIVO e SUBJUNTIVO pelo falante. É apresentada ainda uma justificativa pela opção de se estudar esse processo de oscilação modal apenas nas orações completivas objetivas diretas, além de se discutir a relevância de se estudar esse mesmo tipo de oscilação em latim.

O capítulo 2 é dividido em três seções: uma que trata do conceito de MODO, em contraposição ao de MODALIDADE; uma segunda que apresenta como esses dois conceitos se expressam em gramáticas do latim clássico, em estudos sobre o latim vulgar, em gramáticas históricas do português, em gramáticas normativas do português contemporâneo e, finalmente, em estudos diversos sobre MODO verbal em várias línguas; e uma terceira seção, que estabelece a hipótese a ser testada com base na discussão anterior.

No capítulo 3, faz-se a descrição dos **corpora** do português contemporâneo e do latim vulgar e a apresentação da análise quantitativa dos mesmos.

No capítulo 4, é feita a análise qualitativa dos dados apresentados no capítulo anterior e a discussão dos resultados obtidos.

# CAPÍTULO 1

## APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

“At uarios linguae sonitus natura subegit  
mittere, et utilitas expressit nomina rerum”.

(Lucrecio)

Em termos morfológicos, as formas verbais finitas se diferenciam das infinitas por possuírem desinências de pessoa e número e sufixos de tempo e MODO. Dessa maneira, todas as vezes que se produz um enunciado cuja forma verbal seja finita, necessariamente deve-se selecionar uma determinada desinência e um determinado sufixo. Essa seleção não é de maneira alguma realizada de forma aleatória, isto é, certamente baseia-se em princípios para que,

dentre as várias opções de que a língua dispõe, seja escolhida uma forma através da qual o enunciado produzido preencha as seguintes exigências: a) seja previsto nos padrões de boa-formação aceitos pelo português e b) veicule a informação pretendida.

Especificamente em relação à seleção do MODO verbal, pode-se dizer que, em linhas gerais, o falante do português dispõe da possibilidade de usar INDICATIVO, SUBJUNTIVO ou IMPERATIVO em orações independentes e principais, e INDICATIVO ou SUBJUNTIVO em orações subordinadas, sendo a seleção de um ou de outro MODO feita segundo critérios semânticos e/ou sintáticos.

### **1.1- INDICATIVO E/OU SUBJUNTIVO? NORMA X USO**

No que se refere apenas à distribuição dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, existe uma possibilidade de seleção desses MODOS, em contextos determinados, que pode ser descrita da seguinte forma:

- I- uso categórico de INDICATIVO;
- II- uso categórico de SUBJUNTIVO;
- III- ocorrência ora de INDICATIVO, ora de SUBJUNTIVO.

No entanto, de acordo com a norma prescrita pela gramática tradicional, o leque de possibilidades à disposição do usuário da língua, como exemplificado de (1) a (7) abaixo, é bem mais restrito do que o uso que ele efetivamente faz dessa possibilidade de seleção modal, principalmente em relação aos itens II e III acima, como se pode observar através do confronto entre os exemplos de (1) a (7) [distribuição modal prescrita pela gramática tradicional], e os exemplos de (8) a (17) [“desvios” de acordo com a visão normativa da gramática tradicional]. Esses “desvios”, entretanto, refletem o uso real de INDICATIVO e SUBJUNTIVO na linguagem oral, bem como na linguagem escrita.

A) Ocorrências que refletem a norma prescrita pela gramática tradicional:

(1) “*Talvez tenha definitivamente passado o tempo em que o homem vivia*

SUBJ

*verdadeiramente a vida da natureza”*. (oração independente-NURC, vol 1)

(2) “Nós devíamos programar *uma inflação que*

*decline”*. (oração adjetiva-FHC, entrevista à TV)

SUBJ

(3) “Essa fala revela *um fenômeno que* muitos pesquisadores já **apontam**”. (oração adjetiva-texto escrito em um projeto de pesquisa)

IND

(4) “Eles aceitam as regras sociais *como se* fosse coisa deles”. (oração adverbial-NURC, vol 1)

SUBJ

(5) “*Como* ele **chegou** tarde, não entrou”. (oração adverbial-E 51)

IND

(6) “Ele *exigia* dos alunos que não **tivessem lido** os livros de Filosofia”. (oração completiva-NURC, vol 1)

SUBJ

(7) “Eu *acho* que eu **vi** um gatinho”. (oração completiva-desenho animado TV)

IND

B- Ocorrências que são consideradas “desvios” da norma gramatical:

(8) “*Talvez são* até capazes de largar a mulher e os filhos para agarrar este

IND (‘pro’ SUBJ **sejam**)

poder e nunca mais soltá-lo”. (oração independente-redação vestibular

UFMG/96)

(9) “*Tomara que você tosse e espirra*”. (oração independente-prog. de rádio)

IND. IND (‘pro’ SUBJ **tussa e espirre**).

(10) “Eu queria *uma casa que tinha* uma piscina”. (oração adjetiva-novela TV)

IND (‘pro’ SUBJ **tivesse**)

(11) “*Ainda que* os argumentos do juiz para prender PC **são** os mesmos do STF,

IND (‘pro’ SUBJ **sejam**)

os advogados de PC protestaram (...)”. (oração adverbial-prog. de rádio)

(12) “*Embora chegaram* ao poder por diferentes maneiras eles promoveram o

IND (‘pro’ SUBJ **tivessem chegado**)

desenvolvimento (...)”. (oração adverbial-redação vestibular UFMG/96)



(13) “(...) a população, que se tornando exausta diante da situação, *permite* que o Estado **continua** agindo de tal maneira”. (oração completiva-redação

IND (‘pro’ SUBJ **continue**) vestibular UFMG/96)

(14) “O autoritarismo hoje em dia anda junto com a burocracia, *fazendo com que camuflam* os podres de quem está no poder”. (oração completiva-redação IND

(‘pro’ SUBJ **camuflem**) vestibular UFMG/96)

(15) “Ele *espera* que **vai ser** mais vantajoso para ele”. (oração completiva-

IND (‘pro’ SUBJ **seja**) NURC, vol 1).

(16)-“Eu *quero* que você **sabe** duma coisa”. (oração completiva-E 51).

IND (‘pro’ SUBJ **saiba**)

(17) “*Suponhamos* que **chega** no dia 30 e o pagamento dele

IND (‘pro’ SUBJ **chegue**)

**atrase**”.(oração completiva-NURC, vol 1)

SUBJ

Comparando-se os enunciados de (1) a (7), que exemplificam a distribuição modal prevista pela gramática tradicional do português, com os enunciados de (8) a (17), que exemplificam o uso dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO tanto na linguagem oral, quanto na escrita, observa-se que o INDICATIVO ocorre em contextos “reservados” ao SUBJUNTIVO não só em orações independentes [ocorrências (8) e (9)], mas também em todos os tipos de orações subordinadas [ocorrências de (10) a (17)].

No entanto, as orações de (8) a (17) não são, em grande parte, examinadas nem pelas gramáticas tradicionais do português atual, que buscam determinar os contextos em que um e/ou outro MODO podem ocorrer; nem por alguns estudos sobre a questão do MODO verbal, que as consideram ou pouco aceitáveis, ou até mesmo agramaticais.

Por outro lado, a constante incidência de INDICATIVO em contextos “reservados” ao SUBJUNTIVO, como exemplificado de (8) a (16), e a co-ocorrência de INDICATIVO e de SUBJUNTIVO em um mesmo período, como está exemplificado em (17), levam a rejeitar a postura da gramática tradicional em ignorar tais ocorrências, bem como a dos estudos que questionam sua aceitabilidade ou gramaticalidade. No presente trabalho, tais ocorrências são consideradas aceitáveis, e, assim, buscar-se-ão as razões para sua oscilação<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. Botelho Pereira (1974) e Fávero (1982) para uma discussão sobre gramaticalidade e/ou aceitabilidade dessas orações. Não faz parte do escopo desse trabalho questionar a aceitabilidade ou gramaticalidade das orações em questão, uma vez que as ocorrências apresentadas ao longo do trabalho não são dados criados por introspecção, mas colhidos a partir do registro oral ou escrito.

Jespersen (1924, p.818), ao tratar do que denomina nivelamento (“levelling”) entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, fornece duas razões para que este possa acontecer:

I- identidade formal entre os dois MODOS (como exemplo, cita-se a forma *-am* em latim, que pode ser 1ª pessoa do singular, tanto do futuro imperfeito do INDICATIVO, quanto do presente do SUBJUNTIVO);

II- a existência, em muitas línguas, de uma forte tendência a se desfazer do SUBJUNTIVO, tendência essa que o autor exemplifica, por um lado, pelo quase total desaparecimento do SUBJUNTIVO em russo, dinamarquês e inglês; e, por outro, pelo uso mais restrito desse MODO nas línguas românicas do que em latim.

O autor busca a motivação para esse “movimento” de distanciamento do SUBJUNTIVO (“movement away from the subjunctive”) no fato de que, na verdade, diferentemente do que tradicionalmente se coloca, o SUBJUNTIVO não expressa, em todos os contextos em que é utilizado, o MODO do ‘pensamento’, nem o INDICATIVO o MODO do ‘fato’. Segundo Jespersen, a explicação para a hesitação e a variação na seleção do MODO sem qualquer alteração de significado só pode ser encontrada se se considerar “(...) the indicative as the

mood to be chosen when there is no special reason to the contrary, and the subjunctive as a mood required or allowable in certain cases varying from language to language”<sup>3</sup>.

A segunda razão para o nivelamento dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO apresentada por Jespersen aponta para a necessidade de se fazer uma análise mais detalhada desse movimento do SUBJUNTIVO em direção ao INDICATIVO nas línguas românicas, em especial no português. Por se tratar de um movimento, abre-se também perspectiva para que esse processo seja abordado através de um estudo diacrônico, daí o confronto entre o português e o latim que será feito no presente trabalho.

## 1.2- A ESCOLHA DO TIPO DE ORAÇÃO

A questão do MODO verbal é muito complexa para ser tratada em toda a sua extensão em um único trabalho. Em função disso, tornou-se necessário delimitar o objeto de estudo. Para realizar tal tarefa, observou-se, numa análise preliminar, o processo de seleção de MODO verbal em orações subordinadas do português contemporâneo e constatou-se que, nas orações subordinadas, fatores

---

<sup>3</sup> “(...) o indicativo como o modo a ser escolhido quando não há nenhuma razão especial para o contrário, e o subjuntivo como um modo exigido ou permitido em certos casos que variam de língua para língua”.

sintáticos e semânticos distintos parecem estar direcionando a seleção, ora de INDICATIVO, ora de SUBJUNTIVO.

### 1.2.1- INDICATIVO x SUBJUNTIVO em orações adverbiais

Em relação às adverbiais, existe uma correlação entre o MODO verbal selecionado e o complementizador que as introduz: uns subcategorizam INDICATIVO, outros SUBJUNTIVO, como evidenciam, respectivamente, os enunciados (18) e (19) abaixo:

(18) “*Já que* você não **vai viajar**, podemos sair juntos”. (E 60)

COMP + IND

(19) “*Embora* **tenha chegado** atrasado, conseguiu entrar”. (E 58)

COMP + SUBJ

Assim, o uso de INDICATIVO em lugar de SUBJUNTIVO, ou vice-versa, seria interpretado como um não-reconhecimento dessa correlação, apresentando uma inconsistência no uso de determinado complementizador e do MODO verbal subcategorizado por ele.

### 1.2.2- INDICATIVO x SUBJUNTIVO em orações adjetivas

Quanto às adjetivas, a seleção da marca morfológica de um ou de outro MODO é tradicionalmente associada a uma oposição semanticamente significativa, em termos da MODALIDADE expressa na oração adjetiva, que consiste em considerar que:

I- através do INDICATIVO, o falante associa a oração adjetiva a um antecedente determinado, de existência atestada;

II- através do SUBJUNTIVO, o falante associa a oração adjetiva a um antecedente qualquer, de existência possível<sup>4</sup>.

Os enunciados (20) e (21) abaixo exemplificam, respectivamente, os tipos I e II apontados acima:

(20) “Eu estou procurando *um garotinho que tem olhos azuis*”. (‘um certo

IND                      garotinho’) (E 54)

---

<sup>4</sup> Para alguns autores, o SUBJUNTIVO nesses contextos atua apenas como um possível marcador de uma dada distinção de significados, que pode ser obrigatória ou opcional (cf. Harris, 1974).

(21) “(...) era importante *um guerreiro que tivesse um cavalo*”. (‘qualquer

SUBJ guerreiro’)

(NURC, vol 1)

Observe-se, porém, que não ocorre essa oposição de caráter modal no enunciado (10), repetido abaixo, em que o verbo da oração adjetiva é utilizado no MODO INDICATIVO para se referir a um antecedente qualquer, e não a um antecedente determinado.

(10) “Eu queria *uma casa que tinha uma piscina*”. (oração adjetiva)

IND (‘pro SUBJ tivesse)

### 1.2.3- INDICATIVO x SUBJUNTIVO em orações completivas

As orações completivas, diferentemente das adverbiais, são sempre introduzidas pelo mesmo complementizador (QUE), e, diferentemente das adjetivas, parecem não expressar uma diferença de MODALIDADE que possa ser atribuída apenas à marca morfológica de MODO verbal selecionada. Especificamente em relação às orações que completam o sentido de um verbo transitivo, denominadas orações completivas objetivas diretas, a seleção do

MODO verbal é comumente associada a uma compatibilidade entre o verbo da oração matriz (Vmatriz) e o valor modal atribuído a INDICATIVO e SUBJUNTIVO. Assim, segundo esse ponto de vista presente nas gramáticas tradicionais do português, bem como em estudos sobre diversas línguas, há verbos da oração matriz que “determinam” que o verbo da oração completiva (Vcompl) esteja sempre no INDICATIVO (verbos como *saber-falar-contar*); outros, no entanto, “determinam” que o Vcompl esteja sempre no SUBJUNTIVO (verbos como *querer-esperar-ordenar*); e, ainda, um terceiro grupo de Vmatriz que permite que o Vcompl esteja ora no INDICATIVO, ora no SUBJUNTIVO (verbos como *achar-acreditar-crer*). Como já mostrado anteriormente nos enunciados (13) a (17), essa classificação não corresponde diretamente ao desempenho do falante do português contemporâneo ao fazer uso de orações completivas objetivas diretas.

Com base nessa análise preliminar, optou-se pelo estudo da oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em apenas um tipo de estrutura, exatamente a estrutura cujas análises apresentam uma maior inconsistência, a saber, a estrutura de orações completivas objetivas diretas.



### 1.3- O PORQUÊ DE SE VOLTAR AO LATIM

A opção por estudar a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas também em latim e fazer um paralelo entre essa oscilação e a oscilação modal presente em estruturas correlatas no português contemporâneo se justifica em função do seguinte fato: na língua latina, o sistema de complementação das orações completivas objetivas diretas passou por uma reestruturação que envolveu a mudança de um sistema sem marca de MODO no Vcompl para um outro sistema, que exigia o uso de INDICATIVO ou SUBJUNTIVO, como indicado abaixo:

sistema I → COMP Ø + Vcompl no INFINITIVO (sufixo de MODO e tempo Ø)

sistema II → COMP QV- + Vcompl ou no INDICATIVO, e/ou no SUBJUNTIVO

Essa reformulação no sistema de complementação gerou, conseqüentemente, um aumento dos contextos em que a seleção de um morfema de MODO e de tempo seria necessária<sup>5</sup>. Dessa maneira, contextos que corresponderiam ao uso de uma única forma verbal, o INFINITIVO, como

---

<sup>5</sup> Segundo Maurer Jr. (1959, p.216), a estrutura de acusativo com INFINITIVO se perdeu no latim vulgar, tendo se preservado apenas em expressões de cunho erudito e literário, exceto com verbos do tipo de *uideo*, *facio*, *iubeo*, *sino*. Essa substituição, segundo o mesmo autor, teria se mantido em quase todas as línguas românicas.



(24) “Non                    lucrum                    omne

não,part.neg.-lucro,subst.acus.sing.neut.-todo,quant.acus.sing.neut.

**ESSE**                    utile                    *existumo*”. (Plaut.,Capt.,325; apud Faria, 1994)

ser,inf.pres.-útil,adj.acus.sing.neut.-achar-1ªp.s.pres.ind.

“Não *acho* que todo lucro *é/seja* útil”. (=“Não *acho ser* todo lucro útil”)

(25) “Intro **IRE**                    neminem                    *uideo*”. (Ter.,Andr.,363; apud Faria, 1994)

entrar,adv.+ir,inf.pres.-ninguém, indef.acus.sing.-ver-1ªp.s.pres.ind.

“Não *vejo* ninguém **entrar**”.

Entende-se, com base no exposto acima, que aprofundar o estudo desse fenômeno de expansão do uso dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em latim, procurando identificar os fatores responsáveis pela opção de um e não de outro MODO, ou pela possibilidade de opção de um e de outro MODO, ou ainda pela retenção da estrutura clássica de acusativo com INFINITIVO, possa dar condições de se compreender melhor a oscilação modal presente em orações completivas objetivas diretas no português contemporâneo.

#### 1.4- MUDANÇA EM ANDAMENTO OU VARIÁVEL ESTÁVEL ?

Delimitado o objeto de estudo, passa a ser objetivo desse trabalho determinar que tipo de fenômeno lingüístico subjaz à oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas no português contemporâneo, se esta é uma *variável estável*, ou se se trata de um fenômeno de *mudança em andamento*. Para realizar tal tarefa, a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO será tratada como uma variável sociolingüística, conforme definição apresentada por Labov (1972a, p.237).

Em geral, dois grupos de fatores extra-lingüísticos são apontados como determinantes do tipo de processo que subjaz a uma oscilação: a faixa etária e a classe social do informante (Nicolau, 1984, p.4). Esses grupos de fatores atuam da forma indicada no quadro 1 abaixo:

Quadro 1: variável estável x mudança em andamento

	<i>variável estável</i>	<i>mudança em andamento</i>
faixa etária	não relevante	forma inovadora mais freqüente entre os falantes  mais jovens
classe social	variável prestigiosa mais freqüente nas classes mais  altas	forma inovadora mais  freqüente nos grupos sociais centrais (padrão  curvilíneo)

No entanto, Oliveira (1982, p.83) afirma que “a falta de um padrão curvilíneo, quando todos os informantes são considerados conjuntamente, não indica ausência de mudança em progresso”. Com base nisso, decidiu-se por excluir o grupo de fatores “classe social” e levar em consideração apenas o grupo de fatores “faixa etária” na análise, que definiria o fenômeno da seguinte forma:

I- a oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas será caracterizada como um processo de mudança em andamento se os falantes mais jovens apresentarem maiores índices de realização

de INDICATIVO do que os falantes mais velhos (evidência a partir do tempo aparente);

II- caracterizar-se-á como uma variável estável caso não se possa estabelecer uma relação entre as frequências de ocorrências de INDICATIVO e o grupo de fatores “faixa etária”.

Ao lado da “faixa etária”, será ainda controlado outro grupo de fatores extra-lingüísticos, a saber: o nível de escolaridade do informante; para que se possa avaliar a influência dos anos de escolarização do informante sobre o favorecimento do uso de uma ou de outra forma.

Toma-se como ponto de partida a hipótese de que se trata, na verdade, de um fenômeno de *mudança em andamento* e objetiva-se identificar os fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que estariam atuando como aceleradores ou deceleradores desse processo.

A quantificação dos dados do português contemporâneo e do latim vulgar será feita com o objetivo de fornecer uma visão, num primeiro momento, em separado desse fenômeno nas duas línguas, fornecendo uma análise sincrônica de cada uma delas. Para se obterem evidências a partir do tempo real, essas análises sincrônicas serão, em seguida, comparadas, tanto quantitativamente, quanto qualitativamente, e a partir dessa comparação generalizações acerca do processo

de oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas  
objetivas diretas poderão ser feitas.

## **CAPÍTULO 2**

# **OSCILAÇÃO ENTRE OS MODOS INDICATIVO E SUBJUNTIVO: DO LATIM CLÁSSICO AO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO**

“Felix qui potuit rerum cognoscere causas”.

(Virgílio)

### **2.1- MODO X MODALIDADE**

Um estudo que se propõe a caracterizar a oposição entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em português encontra várias dificuldades, a começar pela própria definição do que seja MODO verbal, uma vez que essa definição pode se basear em:



I- conceituações semânticas, que aproximam ou até mesmo igualam os conceitos de MODO e MODALIDADE, como em Brandão (1963, p.382):

“**Modos** são as formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por êle. Mostram a maneira sob a qual se apresenta à mente o enunciado verbal, isto é, se é concebido como real, como esperado, desejado, querido, ordenado, indeterminado”.

II- conceituações morfológicas, que buscam mostrar que MODO é uma mera flexão do verbo, como em Fleischman (1982, p.13):

“Mood is a purely formal category of the verb which has a modal function. It involves a distinct set of verbal paradigms which vary from one language to another in respect to number as well to the semantic distinctions they encode”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> “Modo é uma categoria puramente formal do verbo que tem uma função modal. Envolve um conjunto distinto de paradigmas verbais que variam de uma língua para outra tanto em relação a número quanto a distinções semânticas que estes veiculam”.

De acordo com a caracterização semântica do MODO verbal, existe uma oposição semanticamente significativa entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO, tanto em orações principais, quanto em orações subordinadas, em todos os contextos em que o verbo se apresentar sob forma finita.

Por outro lado, segundo a caracterização morfológica do MODO verbal, a ocorrência de um ou de outro MODO pode não estar relacionada a uma diferença de significado, mas sim a uma exigência da estrutura em que o verbo está inserido.

O principal ponto de divergência entre essas duas maneiras de definir MODO é justamente a inclusão, no caso da definição com base semântica, e a exclusão, no caso da definição com base morfológica, da noção de MODALIDADE, um termo “importado” da Lógica, que se relaciona a possibilidade ou probabilidade, necessidade ou contingência (Halliday, 1970, p.323).

Um argumento contrário à caracterização semântica do MODO (MODO = MODALIDADE) é o fato de que a flexão do verbo quanto a MODO (categoria gramatical) é apenas uma das maneiras de se expressar MODALIDADE (categoria nocional), outras sendo através do léxico (ex.: adjetivo *possível*, advérbio *talvez*), da sintaxe ou da entonação (Lyons, 1968; Fleischman, 1982). A estrutura que melhor evidencia a expressão da MODALIDADE por outros meios

que não a flexão do verbo é a formação de orações interrogativas, que possui claramente o valor modal de dúvida, expresso, no entanto, pelo emprego de partículas (ex.: 'do', 'does', 'did' em inglês) ou pronomes (ex.: grupo QU- em português e WH- em inglês), por uma diferença na ordenação das palavras ou ainda por mudança na entonação.

Além disso, as diversas línguas diferem quanto à maneira pela qual a atitude do falante em relação ao enunciado é gramaticalmente marcada. Assim, de “desejo” e “intenção” até “certeza” e “possibilidade”, passando por “necessidade” e “obrigação”, que podem ser consideradas como escalas de MODALIDADE (Lyons, 1968, p.308), tem-se um número maior ou menor de recursos gramaticais, que, se de um lado, podem apresentar uma subcategorização detalhada de cada escala, de outro, podem realizar fusão de escalas de MODALIDADE ou mesmo um não-reconhecimento gramatical de uma certa MODALIDADE. Em estudo posterior, Lyons (1977), numa abordagem semântica à questão do MODO, afirma que “there is no one-to-one correspondence between grammatical structure, in particular, and illocutionary force; but we cannot employ just any kind of sentence in order to perform any kind of illocutionary force”<sup>7</sup>. Por “força ilocucionária”, entende-se “the status [of

---

<sup>7</sup>“Não há uma correspondência um a um entre estrutura gramatical, em particular, e força ilocucionária; porém, não podemos empregar simplesmente qualquer tipo de frase para realizar qualquer tipo de força ilocucionária”. [tradução minha]

a sentence] as a promise, a threat, a request, a statement, an exhortation, etc”<sup>8</sup>  
(Lyons, 1977, p.731), o que pode ser entendido como a realização da atitude do falante (MODALIDADE) na estrutura da língua.

É importante notar que, embora a flexão do verbo quanto a MODO seja um dos meios de se expressar MODALIDADE, no que se refere ao objeto de estudo desse trabalho, as orações completivas objetivas diretas, o sufixo de MODO do Vcompl não é a única marca da atitude do falante em relação ao enunciado, uma vez que a MODALIDADE está também expressa no predicador (Vmatriz).

Uma tentativa de se conciliar essas duas posturas está presente em Jespersen (1924, p.313):

“It is much more correct to say that they [os modos INDICATIVO, SUBJUNTIVO e IMPERATIVO] express certain attitudes of the mind of the speaker towards the contents of the sentence, though in some cases the choice of the mood is determined not by the attitude of the actual

---

<sup>8</sup>..o status [de uma frase] enquanto promessa, ameaça, pedido, apresentação de um fato, exortação, etc”  
[tradução minha]

speaker, but by the character of the clause itself and its relation to the main nexus on which it is dependent”<sup>9</sup>.

Numa retomada de diferentes abordagens à questão do MODO verbal, pode-se observar que essa falta de consenso em relação ao que seja MODO se manifesta em diversos estudos sobre diversas línguas, como é o objetivo da seção que se segue mostrar. Aqui, apresenta-se como a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO tem sido tratada por diversos estudiosos de diferentes posturas, desde gramáticas sobre o latim clássico até estudos mais recentes, que incluem artigos e teses referentes ao português contemporâneo, além de outras línguas românicas, a saber italiano, francês e espanhol.

## 2.2- GRAMÁTICAS DO LATIM CLÁSSICO

Faria (1958, p.373), partindo da oposição INDICATIVO (MODO da realidade, objetividade) e SUBJUNTIVO (MODO da vontade, do desejo), afirma que a seleção do MODO verbal pode ser determinada pela natureza da oração<sup>10</sup> e seu conectivo. Por outro lado, a descrição feita pelo autor dos diversos empregos dos tempos verbais relativos aos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO

---

<sup>9</sup> “É mais correto dizer que eles expressam certas atitudes da mente do falante em relação ao conteúdo da frase, embora em alguns casos a escolha do modo seja determinada não pela atitude do falante real, mas pelo caráter da própria oração e pela sua relação com o nexo principal do qual ela é dependente”.

<sup>10</sup> O autor não deixa claro a que ele se refere quando usa essa expressão.

mostra claramente que essa oposição está longe de refletir as possibilidades de uso dos MODOS verbais. A forma verbal que melhor evidencia esse posicionamento é o futuro do INDICATIVO, que, como está descrito à página 378, “é empregado em outras acepções em que mais se avizinha do subjuntivo de um lado, e do imperativo de outro”. O próprio nome dado a essas acepções deixa clara a estreita relação entre o futuro do INDICATIVO e o presente do SUBJUNTIVO, a saber: futuro volitivo (subdividido em jussivo e deliberativo) e futuro optativo.

Ao tratar dos processos de subordinação, Faria estabelece uma associação direta entre SUBJUNTIVO e subordinação, afirmando que o percurso dessa associação pode ser acompanhado através dos textos em língua latina em seus vários períodos. Por fim, o autor conclui que “no latim clássico o subjuntivo já era um simples e puro índice de subordinação” (Faria, 1958, p.453).

Blatt (1952) reconhece que os MODOS não são nitidamente delimitados e exemplifica que as noções de deliberação e de dúvida podem ser expressas tanto pelo INDICATIVO quanto pelo SUBJUNTIVO, além do fato irreal poder se traduzir, em certos casos, pelo INDICATIVO, e a ordem, pelo INDICATIVO ou pelo IMPERATIVO.

Com base nisso, Blatt afirma que a tentativa de explicar o SUBJUNTIVO como sendo a expressão do irreal, em contraste com o INDICATIVO, a



menos marcado (o mais extensivo) e o SUBJUNTIVO é, em geral, a expressão de um desejo, tanto na subordinada quanto na principal. Porém, o autor assinala que o SUBJUNTIVO passou a ser considerado o MODO da subordinação e sugere que se tenha estabelecido uma “certa afinidade” entre SUBJUNTIVO e subordinação.

No que se refere à relação entre MODO e MODALIDADE, Rubio (1976) apresenta uma posição completamente diferente das apresentadas anteriormente, uma vez que estabelece que toda forma verbal integrada a uma mensagem é um complexo em que se cruzam um MODO, que é a marca morfológica do verbo restrita ao paradigma verbal, e uma MODALIDADE, que revela a atitude mental do falante em relação ao enunciado. Interessante notar que, segundo o autor, a MODALIDADE não caracteriza intrinsecamente o verbo, e sim a frase; no entanto, como o verbo é o centro da frase, daí resulta que a MODALIDADE da frase incide normalmente sobre o verbo (Rubio, 1976, p.63). Assim, o autor afirma que a clássica definição de MODO verbal como sendo *uma forma que indica a atitude do falante em relação à ação verbal* equivale a dizer que *modo do verbo é a modalidade da frase*, o que para o autor é inaceitável. Apesar de se basear na já mencionada separação entre INDICATIVO - MODO da realidade - e SUBJUNTIVO - MODO que expressa processos intencionais desejados ou supostos (o que o coloca bem próximo dos autores que fundem MODO e



MODALIDADE), Rubio, ao tratar da oscilação entre orações completivas com VT e orações de acusativo com infinitivo, apresenta uma posição que se pode considerar inovadora, uma vez que, segundo o autor, se o verbo da oração principal possuir uma semântica estritamente “impressiva” (como exemplo citam-se os **uerba uoluntatis** *iubere* - ‘ordenar’, *uetare* - ‘impedir’, *uelle* - ‘querer’, etc), somente se poderá subordinar a esse verbo mensagens impressivas. E conclui: “portanto, seja qual for a forma que adote a oração completiva, infinitivo ou VT com subjuntivo, o sentido não mudará.” Da mesma forma, a um verbo de semântica estritamente declarativa (os exemplos citados são os **uerba impersonalia** *oportet* - ‘é conveniente’, *necesse est* - ‘é necessário’, etc) não se pode subordinar senão mensagens informativas, não importando se a completiva é com VT ou com infinitivo. Estendendo-se essa posição do autor, abre-se perspectiva para que a oposição entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações subordinadas seja também considerada como de caráter secundário, já que o mesmo raciocínio pode ser aplicado.

Em Ernout & Thomas (1952), encontra-se também a observação de que o SUBJUNTIVO tende a alargar seu domínio e se torna uma “ferramenta” de subordinação, marcando simplesmente a dependência da proposição onde ele se encontra. Os autores, porém, sugerem que os falantes capazes de análise poderiam acrescentar à expressão pura e simples do fato através do

SUBJUNTIVO uma nuance de sentido acessório (dúvida, causa, enunciado relativo a um sujeito, etc). No entanto, afirmam que, “em termos práticos”, esse se confundiria com o INDICATIVO (Ernout & Thomas, 1952, p.292).

Bassols de Climent (1971), apesar de estabelecer a oposição INDICATIVO - MODO da realidade e SUBJUNTIVO - MODO da representação mental, reconhece que, com bastante frequência, usa-se um MODO pelo outro, sendo que as formas que mais interferem entre si são o futuro do INDICATIVO e o presente do SUBJUNTIVO. Dessa forma, o estudo dos MODOS constitui, segundo o autor, uma das partes mais difíceis e controversas da gramática.

O autor se refere à transformação do SUBJUNTIVO em apenas um instrumento para marcar subordinação, sem qualquer valor modal, como um processo que remonta ao período arcaico, quando, como no período pós-clássico, o INDICATIVO era mais usado do que o SUBJUNTIVO. Interessante a previsão do autor de que, caso esse uso do SUBJUNTIVO como um meio de caracterizar as orações subordinadas em oposição às principais não tivesse se expandido, o SUBJUNTIVO acabaria por desaparecer do paradigma verbal (como ocorreu com a simplificação do sistema casual), uma vez que o SUBJUNTIVO, no período arcaico, é pouco usado em muitas de suas acepções, sendo substituído por perífrases, em geral, com verbos auxiliares.

Para Bassols de Climent, a seleção do MODO verbal nas orações subordinadas é feita segundo a construção paratática de que derivam, se esta se constrói com INDICATIVO (expressão do real) ou SUBJUNTIVO (expressão de valores modais de volição, desejo, possibilidade, etc).

### 2.3- ESTUDOS SOBRE O LATIM VULGAR<sup>12</sup>

Bastardas Parera (1953) estabelece a seguinte relação entre o SUBJUNTIVO no período clássico e no latim vulgar, a partir de três funções do SUBJUNTIVO que considera principais:

- I- SUBJ. VOLITIVO- apresenta o mesmo uso tanto no latim clássico quanto no vulgar;
- II- SUBJ. ENUNCIATIVO/POTENCIAL- perdeu-se no latim vulgar;
- III- SUBJ. como simples índice de subordinação- o latim vulgar parece desconhecê-lo quase que por completo.

---

<sup>12</sup> O termo "latim vulgar" será utilizado, ao longo dessa sub-seção, no sentido em que os autores citados o empregam. Não faz parte dos objetivos desse trabalho discutir a conceituação de "latim vulgar". Tal questionamento é feito, por exemplo, em Silva Neto (1946, p.18 e seguintes), onde são apresentados e discutidos os posicionamentos de Grandgent (latim vulgar=língua das classes médias da população), Löfstedt (latim vulgar=estilos próximos da linguagem do povo ou da linguagem corrente), Schuchardt (latim vulgar=soma de camadas lingüísticas e dialetos, desde o latim até o aparecimento das línguas românicas), Niedermann (latim vulgar= fala diária da maior parte da população, que compunha a camada social inferior), dentre outros.

Essas funções do SUBJUNTIVO que se perderam teriam sido assumidas pelo INDICATIVO. Um dos contextos citados em que essa substituição melhor se evidencia é nas orações completivas com VT, um complementizador que subcategoriza no latim clássico o SUBJUNTIVO. O exemplo que se segue, apresentado por Bastardas Parera (1953, p.157), mostra claramente o enfraquecimento do SUBJUNTIVO.

(27) *Placuit* nobis VT  
 ser conveniente,pret.perf.ind.3ªp.s. -nós,pron.pess.1ªp.p.dat. -que,COMP

anime nostre remedium  
 espírito,subs.adverb.-nosso,pron.poss.1ªp.p.adverb.-remédio,neut.acus.sing.-  
**donamus** ' (San Millán, 123, 3, 1044)

dar,pres.ind.1ªp.p.

“*Foi conveniente a nós QUE concedemos um remédio com o nosso espírito*”.

Observe-se que nesse exemplo a forma em negrito **donamus** (presente do INDICATIVO) foi utilizada num contexto em que a forma esperada seria **donaremus** (pretérito imperfeito do SUBJUNTIVO), já que o verbo da oração principal *placuit* está no pretérito perfeito do INDICATIVO. Assim, em (23), a

forma do verbo incorre em duas inadequações: o uso de VT + INDICATIVO em oração completiva e o não-cumprimento da **consecutio temporum**.

Segundo Bastardas Parera, a grande limitação do SUBJUNTIVO e o uso do INDICATIVO em muitas de suas funções constituem, ao lado de alguns empregos do infinitivo, o aspecto mais característico da sintaxe do verbo em latim.

Maurer Jr (1959) confirma que a língua vulgar apresenta um emprego bem mais reduzido do MODO SUBJUNTIVO, que é substituído pelo INDICATIVO ou por perífrases de auxiliar + INFINITIVO.

O autor esclarece que o amplo desenvolvimento do SUBJUNTIVO como MODO da subordinação é característico da sintaxe clássica latina entre as línguas indo-européias e se trata, se não de uma criação latina, pelo menos de um desenvolvimento bastante recente na história da língua. O uso do INDICATIVO no lugar do SUBJUNTIVO, freqüente tanto na língua arcaica (cf. comédias de Plauto), quanto nas línguas românicas, além de presente em inscrições e documentos latinos de caráter mais vulgar, mostra que a língua popular manteve muitas vezes a construção mais antiga (Maurer Jr, 1958, p.177).

No entanto, o autor chama a atenção para o fato de que, em textos literários do latim tardio, usa-se com freqüência o SUBJUNTIVO em contextos em que certamente os autores clássicos usariam o INDICATIVO. Para Maurer Jr,

a explicação desse fato parece estar no encontro de duas tendências: a popular, que usava o INDICATIVO, mantendo o SUBJUNTIVO apenas na expressão da dúvida; e a semierudita, que se esforçava por dar um cunho mais literário à construção.

Também Grandgent (1952) faz referência à retomada do uso do SUBJUNTIVO no final do período do latim vulgar, quando este era, segundo o autor, provavelmente muito mais usado na linguagem popular do que o é nas línguas românicas; apesar de manter a afirmação de que o SUBJUNTIVO sofreu uma redução em suas funções. A explicação de Grandgent para esse fato se assemelha à explicação dada por Maurer Jr: os escritores tardios, procurando seguir a prática tradicional, eram menos lógicos e menos espontâneos do que os autores clássicos quanto ao emprego do SUBJUNTIVO<sup>13</sup>. Por outro lado, Löfstedt (apud Maurer Jr) reconhece que é impossível descobrir uma razão para a preferência dada ora ao INDICATIVO, ora ao SUBJUNTIVO.

Nas línguas românicas, o SUBJUNTIVO, segundo Maurer Jr, manteve seu emprego em duas funções distintas:

I- como MODO da dúvida e da incerteza, com verbos ou locuções que significam *pensar, crer, duvidar, ser possível* e correspondentes;

---

<sup>13</sup>Essa explicação que é dada para o uso mais amplo do SUBJUNTIVO está próxima do conceito de hipercorreção.

II- na oração conjuncional volitiva, mesmo ocorrendo o abandono das antigas conjunções VT/NE, comumente associadas à exigência do uso de SUBJUNTIVO em orações completivas introduzidas por esses complementizadores, em favor das conjunções QVOD/QVIA, ainda no latim vulgar.

Palmer (1954) apresenta os seguintes contextos em que o SUBJUNTIVO é substituído pelo INDICATIVO:

- I- perguntas indiretas;
- II- orações consecutivas com VT;
- III- orações causais com CVM;
- IV- após expressão de dúvida.

Por outro lado, o autor também aponta contextos em que o SUBJUNTIVO é usado no lugar do INDICATIVO em vários tipos de orações subordinadas, em que o SUBJUNTIVO tende a se tornar uma mera marca de subordinação, a saber:

- I- orações causais com QVOD;
- II- orações temporais com PRIVSQVAM, DVM, etc;

III- orações completivas objetivas diretas introduzidas por QVOD, QVONIAM e QVID, no latim tardio.

Segundo o autor, isso ocorre porque a distinção lógica entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO não é completamente observada em latim. Na prática, INDICATIVO e SUBJUNTIVO se tornaram intercambiáveis, sendo o SUBJUNTIVO mais freqüente na prosa clássica.

## **2.4- GRAMÁTICAS HISTÓRICAS DO PORTUGUÊS**

Said Ali (1964, p.324), na seção que trata do emprego dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO (ao qual o autor denomina CONJUNTIVO) no português, esclarece que essa terminologia não corresponde ao uso dos MODOS, pois tanto SUBJUNTIVO quanto CONJUNTIVO remetem à idéia de subordinação, e esse MODO pode ser empregado também em orações principais; da mesma forma, o INDICATIVO pode, e em alguns casos, deve ser empregado em orações subordinadas.

O autor afirma ainda que considerar INDICATIVO como o MODO através do qual se enuncia “a certeza ou realidade do fato”, e SUBJUNTIVO como seu “polo contrário”, ou seja, o MODO da irrealidade ou incerteza, não é suficiente



para definir o emprego do SUBJUNTIVO. Reconhecendo tratar-se de um problema complexo, Said Ali propõe que não se insista em classificar o SUBJUNTIVO em volitivo, potencial, optativo, deliberativo, concessivo, prospectivo, hortativo, etc; uma vez que não há limites seguros que separem uma categoria das outras, mas que se tente enquadrar todas essas categorias em apenas duas ou três classes gerais. No entanto, a única classe proposta pelo autor é a que expressa o SUBJUNTIVO de desejo, à qual o autor exemplifica pela oração (28):

(28) “**PROUVESSE** a Deus!”

Apesar de identificar a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em diversas orações subordinadas e tentar traçar a diferenciação de uso em alguns contextos, fornecendo uma ampla gama de exemplos, o autor apresenta uma análise pouco sistemática, contendo muitas soluções “ad hoc”, que são, na maioria das vezes, baseadas na definição dos MODOS em termos da dicotomia Real (INDICATIVO) X Irreal (SUBJUNTIVO), como por exemplo na definição do MODO a ser utilizado na oração completiva do verbo “esperar”: usa-se, segundo o autor, o futuro do INDICATIVO se a realização do fato for tida como certa e o SUBJUNTIVO se essa realização for tida como duvidosa, ou

representar mera aspiração. Observe-se que essa associação não leva em consideração a possibilidade do futuro do INDICATIVO poder expressar uma dúvida, uma possibilidade. Há ainda certa imprecisão com relação a períodos da língua ou contextos em que a oscilação ocorre ou ocorreu, imprecisão essa que se evidencia através do uso de expressões como “em alguns casos” (quais ?), ou ainda por “antigamente”, “outrora” (quando ?). Em alguns casos, as respostas para essas perguntas poderiam ser buscadas nos exemplos que o autor apresenta, já que estes são datados. Porém, estes não são suficientes para se conseguir traçar um histórico do uso do INDICATIVO em contraste com o SUBJUNTIVO em épocas pretéritas da língua portuguesa.

Pereira (1929) coloca, que, tradicionalmente, há cinco MODOS: INDICATIVO, CONDICIONAL, SUBJUNTIVO, IMPERATIVO, SUBJETIVO<sup>14</sup> e INFINITIVO. No entanto, o autor questiona o caráter modal do CONDICIONAL, que pode ser considerado mais um tempo do INDICATIVO do que propriamente um MODO à parte, e também do INFINITIVO, que o autor considera mais um nome verbal do que um MODO de ação. Em relação aos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, o autor mantém a posição tradicional de considerar o primeiro como o MODO da realidade e o segundo como o MODO da possibilidade.

---

<sup>14</sup> Pereira faz referência ao SUBJETIVO apenas uma vez e não explicita que MODO seria esse, nem em termos morfológicos, nem em termos sintáticos.

Em relação à oscilação do uso dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações subordinadas, o autor afirma que o SUBJUNTIVO é usado na expressão da dúvida e da incerteza; se, porém, a oração subordinada estiver na afirmativa e, dependendo da natureza do verbo da oração matriz, o SUBJUNTIVO pode ser substituído pelo INDICATIVO. Como exemplo, citam-se vários pares de orações, dentre os quais destacam-se os apresentados abaixo:

(29) a- “*Duvido que venhas*”.

SUBJ

b- “*Sei que vens*”.

IND

Apesar de frisar que o SUBJUNTIVO é utilizado, em regra, na proposição subordinada, quase sempre em conjunção com o verbo da oração de que depende, o autor esclarece que o SUBJUNTIVO pode também ser utilizado na oração independente, nos seguintes casos:

- (i) em frases isoladas, com o valor de IMPERATIVO;
- (ii) para exprimir desejo, concessão, dúvida.

Pereira chama atenção para o fato de que o MODO INDICATIVO era de uso mais geral no português clássico e no anteclassico. Segundo o autor, o SUBJUNTIVO invadiu a esfera do INDICATIVO devido ao “progresso analítico”. Porém, não se apresentam maiores detalhamentos sobre qual seria a relação entre esse “progresso analítico” e o uso do MODO SUBJUNTIVO em contextos em que se usava o INDICATIVO nos referidos períodos da língua portuguesa.

E. Dias (1959) afirma que o INDICATIVO é empregado “em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo” (p. 183). Para definir o uso do SUBJUNTIVO (denominado CONJUNTIVO), o autor trabalha com dois usos distintos: o SUBJUNTIVO em orações principais, que é a expressão do desejo e das proibições; e o SUBJUNTIVO em orações subordinadas, ao qual não é atribuído nenhum valor específico, sendo apresentados somente verbos (agrupados de acordo com seu campo semântico), com os quais esse é utilizado e a apresentação de contextos em que esse MODO apresenta uma área de interferência com o INDICATIVO (por exemplo, com os verbos *esperar*, *pensar*, *saber*).

Câmara Jr.(1985), em História e Estrutura da Língua Portuguesa, chama a atenção para o que o autor denomina uma “forte e acentuada tendência para a

redução da área de emprego do subjuntivo”. Segundo o autor, em alguns casos, já existe uma variação livre, como em (30) e (31) abaixo:

(30) a- “*Espero que venhas*”

SUBJ

b- “*Espero que virás*”

IND

(31) a- “*Esperava que viesses*”

SUBJ

b- “*Esperava que virias*”

COND

Segundo Câmara Jr., a diferença funcional básica do emprego do SUBJUNTIVO em latim e em português é que, em português, as formas de SUBJUNTIVO são próprias, quase exclusivas, de orações subordinadas. A expressão de dúvida, desejo ou hipótese ocorreria somente “no âmbito de uma comunicação dependente de outra e nela praticamente integrada” (p.133). O autor

reconhece o uso de SUBJUNTIVO em orações independentes apenas no caso específico da anteposição do advérbio talvez, contexto em que a dúvida se expressaria mais pelo advérbio do que pelo uso de SUBJUNTIVO, posicionamento fundamentado pelo não-uso de SUBJUNTIVO, mas sim de INDICATIVO, com o mesmo advérbio posposto ao verbo.

Também em relação às orações subordinadas em que o SUBJUNTIVO é obrigatório, Câmara Jr. considera que a MODALIDADE de dúvida, desejo ou hipótese expressa pelo SUBJUNTIVO já se encontra ou na própria oração subordinada, marcada pela seleção de um conectivo específico, ou, em outros casos, haveria esse caráter modal mesmo com o uso de INDICATIVO, como exemplificado em (32) abaixo:

(32) a- “*Suponho que seja verdade*”.

SUBJ

b- “*Suponho que é verdade*”.

IND

Dessa maneira, o autor confirma sua posição, já apresentada no Dicionário de Filologia e Gramática, de que o SUBJUNTIVO em português se teria tomado

uma “servidão gramatical”, isto é, um padrão meramente formal, sem a marcação de valores semânticos. Em latim clássico, afirma o autor, apesar da oposição de significado entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO, já havia uma diretriz nesse sentido.

## 2.5- GRAMÁTICAS NORMATIVAS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Das gramáticas normativas do português atual que foram consultadas, três (Bechara, 1968; Luft, 1991 e Cunha, 1968) não fazem referência à oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, apenas se limitam a apresentar uma definição dos MODOS nos termos já mostrados anteriormente, na seção que trata das gramáticas do latim clássico, ou seja, INDICATIVO = MODO da realidade e SUBJUNTIVO = MODO da dúvida, da irrealidade, da hipótese. Apenas Luft (1991) vai um pouco além da pura e simples definição do que seja MODO verbal, chamando atenção para a etimologia dos nomes dos MODOS (INDICATIVO- de indicar; SUBJUNTIVO- de *sub-* e *junt(o)*, que lembra **subordinativo**) e, ainda, fazendo ligação entre os três MODOS e as três faculdades da alma: INDICATIVO- inteligência, IMPERATIVO- vontade e SUBJUNTIVO- sensibilidade.

Em uma publicação posterior, Cunha (1976) apresenta um estudo bastante detalhado do emprego dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, partindo da mesma dicotomia apresentada acima: INDICATIVO (MODO da realidade) X SUBJUNTIVO (MODO da irrealidade).

Nesse estudo, o autor trabalha com listas de verbos e de construções que determinam o MODO do verbo a ser utilizado e chama também atenção para a etimologia da palavra SUBJUNTIVO como reveladora do uso desse MODO, uma vez que SUBJUNTIVO “denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida”. O autor considera, a partir dessa colocação, o emprego do SUBJUNTIVO em orações subordinadas como “normal” e o classifica como o MODO da oração subordinada por excelência<sup>15</sup>. Por outro lado, quando esse é utilizado em orações absolutas, “envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala” (Cunha, 1976, p.443).

Cunha (1976, p.447) apresenta algumas construções, que não incluem o uso do MODO INDICATIVO, como substitutas para o SUBJUNTIVO, a saber:

- I- a construção com INFINITIVO (com o verbo *deixar*);
- II- o gerúndio e uma construção elíptica para o condicional;

---

<sup>15</sup> Cunha parece reforçar que o SUBJUNTIVO é o MODO da subordinação com a afirmação de que esse MODO é utilizado em todos os tipos de orações subordinadas. No entanto, esse argumento se mostra inconsistente, já que também o INDICATIVO é utilizado em todos os tipos de oração subordinada.



III- a utilização de um substantivo abstrato no lugar de uma oração substantiva.

(33) e (34) abaixo exemplificam, respectivamente, os casos II e III.

(33) a- “Se fosse de ouro, o anel não oxidaria”

b- “Sendo de ouro, o anel não oxidaria”

c- “De ouro, o anel não oxidaria”

(34) a- “Desejo que ele **triunfe**”

b- “Desejo seu triunfo”

A justificativa apresentada para essa substituição é a de que a construção com SUBJUNTIVO pode tornar-se “pesada ou malsoante”.

Além disso, o autor, ao estudar o emprego dos tempos verbais, refere-se à possibilidade de se usarem certos tempos do INDICATIVO, especificamente o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do presente, em alguns contextos próprios do pretérito imperfeito e presente do SUBJUNTIVO, respectivamente.

No capítulo dedicado ao emprego dos MODOS e tempos verbais, também Cegalla (1985), baseando-se na clássica oposição INDICATIVO (MODO que exprime um fato real) X SUBJUNTIVO (MODO que enuncia um fato hipotético), reconhece que as idéias de incerteza e possibilidade podem ser expressas, em caráter excepcional, pelo INDICATIVO, e apresenta dois casos em que essa oposição não se realiza:

I- o uso do mais-que-perfeito do INDICATIVO no lugar do pretérito imperfeito do SUBJUNTIVO;

II- o uso do futuro do presente do INDICATIVO para exprimir incerteza, súplica, desejo, ordem.

O caso I é exemplificado em (35) abaixo e o caso II em (36) e (37):

(35) a- “Como se **falara** consigo mesmo” (A.Arinos, OC, 308; apud Cegalla)

[falasse]

b- “**Prouvera** a Deus que eu não soubesse tanto” (F.Pessoa, OP, 544;

[Prouvesse]

apud Cegalla)

(36) “Não **matarás**” [ordem - força de imperativo]

(37) “Terá realmente **piado** a coruja?” [dúvida, incerteza] (G. Ramos, apud

Cegalla)

Brandão (1963) afirma que aos muitos matizes da ação ou estado significados pelo verbo (real, esperado, desejado, querido, ordenado ou indeterminado) não correspondem denominações próprias, sendo que todos eles são englobados em quatro grupos modais: INDICATIVO, SUBJUNTIVO, IMPERATIVO e INFINITIVO<sup>16</sup>. Essa colocação, associada à afirmação de que “se a cada maneira de conceber a ação verbal se desse uma denominação adequada, em vez de quatro, seriam muitos os modos dos verbos, conforme o sentido da frase”, deixa transparecer que, para Brandão, não seria necessário diferenciar MODO de MODALIDADE.

Em seguida, a partir da oposição entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO, são listados os chamados “casos particulares”. Segue, então, uma longa mostragem, englobando ocorrências de ambos os MODOS tanto em orações independentes, quanto em todos os tipos de orações subordinadas, que procura determinar e delimitar o uso dos MODOS em cada contexto específico. A

---

<sup>16</sup> Cumpre observar que, em geral, considera-se o INFINITIVO e as demais formas nominais do verbo (gerúndio e participio) como formas de valor neutro em relação à categoria MODO, e não como um MODO verbal ao lado do INDICATIVO, SUBJUNTIVO e IMPERATIVO (cf. Rubio, 1976 para o latim; Pereira, 1929 para o português e Podolsky, 1983 para o espanhol).

oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO em um mesmo contexto é tratada pelo autor nos moldes já apresentados anteriormente no estudo das gramáticas históricas do português (também presente na Gramática Secundária da Língua Portuguesa de Said Ali), isto é, quando há a possibilidade de uso tanto de um, quanto de outro MODO são apresentadas soluções “ad hoc” baseadas na dicotomia Real X Irreal; outras vezes, somente identifica-se a oscilação, apresentam-se exemplos onde esta ocorre, sem, no entanto, tentar dar conta dessa oscilação (cf. Verbo *queixar-se* em Brandão, 1963, p.409).

## **2.6- ESTUDOS SOBRE MODO VERBAL EM DIVERSAS CORRENTES DA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA**

Os vários estudos sobre a questão do MODO verbal, em diversas línguas, sob perspectivas teóricas diferentes da lingüística contemporânea que serão apresentados a seguir podem ser reunidos em três diferentes grupos:

**GRUPO I-** os que reconhecem a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, mesmo em contextos em que a gramática normativa determina o uso do MODO SUBJUNTIVO;

GRUPO II- os que reconhecem que a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO por parte do falante é maior do que a prevista pela gramática normativa, mas questionam a aceitabilidade ou a gramaticalidade de orações em que o INDICATIVO ocorre em contextos “reservados” ao SUBJUNTIVO;

GRUPO III- os que consideram como mal-formadas orações que apresentem o uso de INDICATIVO em contextos em que a norma gramatical pressupõe o uso apenas do SUBJUNTIVO.

### **2.6.1- Grupo I**

Podem ser enquadradas nesse grupo as análises de Harris (1974) e Fleischman (1982) para a fase de transição entre o latim e línguas românicas; as de Azevedo (1976) e Wherritt (1978), para o português contemporâneo; a de Barra Rocha (1994), num estudo comparativo entre o português e o italiano; A. Elia (1978) para o italiano; Poplack (1992) para o francês canadense.

Esses vários estudos acima listados diferem, no entanto, em alguns aspectos, que passam a ser apresentados a seguir.

Harris (1974, p.171) afirma que, já em latim, é necessário que se postulem dois tipos bem distintos de SUBJUNTIVO: um primeiro tipo, em orações

subordinadas, tido como sem significado, com a ocorrência desse MODO sendo exigida:

I- pela classe semântica do verbo da oração principal, como em (38);

II- pela conjunção empregada<sup>17</sup>;

*quamuis* (“embora”) + SUBJUNTIVO

*quamquam* (“embora”) + INDICATIVO

III- pelo tipo de estrutura empregada (ex.: perguntas indiretas), como em (39).

(38) a- “*Volo ut ueniat*”(uolo - volição).

querer,pres.ind.1ªp.s.-que,COMP-vir,pres.subj.3ªp.s.

“*Quero que venha*”.

(38) b- “*Impero ut ueniat*”(imperare - comando).

ordenar,pres.ind.1ªp.s.-que,COMP-vir,pres.subj.3ªp.s.

“*Ordeno que venha*”

(39) “*Quaere ubi sit*”(Plaut.Cist.,502; apud Faria, 1995)

perguntar,2ªp.s.imp.-onde,pron.int.-estar,3ªp.s.pres.subj.

---

<sup>17</sup> Os exemplos citados em (38a) e (38b) poderiam ilustrar igualmente o uso de SUBJUNTIVO depois de conjunção, pois a conjunção VT, nesse contexto específico, rege SUBJUNTIVO, segundo a norma gramatical.

“*Pergunta onde esteja*”.

Em contraposição a esse primeiro tipo, o autor apresenta um segundo tipo, com significado, usado em apódoses de complexos condicionais, como em (40), ou ainda para expressar polidez e incerteza, como em (41) abaixo:

(40) “*Non uenissent, si id fecisset*”.

não,neg-vir,1ªp.s.pret.imp.subj.-se,cond-isso,pron.anaf.neut.-3ªp.s.pret.imp.subj.

“*Eu não viria, se [alguém] tivesse feito isso*”.

(41) “*Velim hoc facere*”.

querer,1ªp.s.pres.subj.-isto,pron.dem.1ªp.-fazer,inf.

“*Eu gostaria de fazer isto*”.

Em termos tradicionais, o primeiro tipo abrange os chamados SUBJUNTIVO volitivo e optativo e o segundo tipo o SUBJUNTIVO potencial.

Segundo o autor, a tendência, cada vez mais acentuada, de se considerar o SUBJUNTIVO como o MODO da subordinação gerou sua substituição pelo condicional justamente no contexto em que este era semanticamente significativo

(2º tipo) e sua retenção no 1º tipo, tornando-se estável nesse contexto até hoje nas línguas românicas (Harris, 1974, p.172).

Por outro lado, Fleischman (1982, p.142) atribui a retenção do SUBJUNTIVO com verbos de volição/optativos ao fato de se poder estabelecer oposição distintiva entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO nesses contextos, apesar de afirmar, como Harris, que muitos dos usos do SUBJUNTIVO em orações subordinadas foram assumidos pelo INDICATIVO na passagem do latim para as línguas românicas, uma vez que o SUBJUNTIVO representava, já em latim “pouco mais do que um marcador formal e vazio”.

Azevedo (1976), a partir da hipótese de que o SUBJUNTIVO em português contemporâneo pode ser explicado sem que se recorra a considerações semânticas, postula que o SUBJUNTIVO é uma forma semanticamente vazia, não se podendo, dessa forma, estabelecer um contraste de sentido entre as formas de INDICATIVO e as de SUBJUNTIVO<sup>18</sup>. Sob esse prisma, o SUBJUNTIVO seria usado de maneira automática de acordo com a subcategorização de certos elementos da oração, apesar dessa “obrigatoriedade” não se estender de maneira uniforme a todos os dialetos.

Assim, o autor afirma que em pares como em (42) abaixo não se pode estabelecer qualquer diferença do ponto de vista semântico, somente do ponto de

---

<sup>18</sup> Note-se que os verbos-matriz que o autor levou em consideração na sua análise exigem, segundo a gramática tradicional, o uso de SUBJUNTIVO. Azevedo não analisa verbos do tipo de *achar*, para os quais é reconhecida a oscilação modal em alguns contextos específicos.



vista morfológico [em (42a) o verbo da oração subordinada está no SUBJUNTIVO e em (42b) está no INDICATIVO]. Para Azevedo, a ocorrência de orações do tipo de (42b) está restrita a certos dialetos da língua não-padrão e a certas variedades coloquiais ou familiares da língua-padrão. No primeiro caso, o autor sugere que essa possibilidade seja um indício de que o SUBJUNTIVO tende a desaparecer, pelo menos em alguns contextos. Já no segundo caso, o autor atribui a oscilação a diferença de registro lingüístico.

(42) a- “*Quero* que você **fale** com ele”. (Azevedo, 1976)

SUBJ

b- “*Quero* que você **fala** com ele”. (Azevedo, 1976)

IND

Wherritt (1978), numa abordagem sociolingüística da oscilação modal, apresenta um estudo geral do SUBJUNTIVO no português do Brasil e classifica o processo de utilização de INDICATIVO em contextos em que o SUBJUNTIVO pode ou deve ocorrer como de variação sociolingüística. A autora conclui que a não-utilização de normas prescritivas ao se fazer a opção por INDICATIVO se deve a uma ou mais de uma dessas razões:

- I- variação estilística (o SUBJUNTIVO é usado em situações mais formais);
- II- exposição do falante à gramática normativa (quanto mais tempo de escola tem o falante, mais ele usa o SUBJUNTIVO de acordo com a norma gramatical), um fator que envolve a correlação entre escolaridade, idade e nível sócio-econômico;
- III- o caráter redundante da marca formal de SUBJUNTIVO;
- IV- diferença entre a competência do falante e seu desempenho (“the non-prescriptive use of the indicative which occurs is simply an error that he would correct or avoid if he were monitoring his speech carefully”).<sup>19</sup>

Barra Rocha (1994, p.15) constata a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, afirmando que “a frequência do subjuntivo vem decrescendo em favor do indicativo tanto em português coloquial quanto em italiano”. A autora afirma que essa expansão do uso do INDICATIVO se encontra em, por exemplo, verbos indicadores de vontade, que podem apresentar o verbo da oração subordinada tanto no INDICATIVO, quanto no SUBJUNTIVO, o uso do INDICATIVO estando restrito, no entanto, à fala oral e ao registro informal (Rocha, 1994, p.53). Segundo a autora, a opção pelo MODO SUBJUNTIVO pode ser determinada por fatores semânticos ou sintáticos, sendo

---

<sup>19</sup> “A ocorrência do uso não-prescritivo do indicativo é simplesmente um erro que ele (o falante) corrigiria ou evitaria se estivesse monitorando sua fala com cuidado.” (tradução minha)

que os semânticos são tidos como os verdadeiros motivadores do SUBJUNTIVO.

A. Elia (1978) apresenta uma análise que evita misturar argumentos sintáticos a argumentos semânticos, uma vez que, segundo a autora, os argumentos semânticos não correspondem nem às exigências da classificação do verbo nem à realidade de uso dos MODOS na língua italiana (p. 249). A autora chama atenção para o fato de que a opção ora por INDICATIVO, ora por SUBJUNTIVO em italiano é bastante influenciada por fatores populares, regionais ou ainda dialetais, com diferenças no nível de aceitabilidade. Isso gera, segundo a autora, uma flutuação entre esses MODOS em italiano numa escala maior do que em francês.

Poplack (1992), analisando a oscilação modal no francês canadense, afirma que o uso de SUBJUNTIVO é variável, mesmo em contextos em que a ocorrência deste MODO parece categórica. E acrescenta: “there is good reason to believe that this variation has been stable for centuries”<sup>20</sup>. Base para essa afirmação a autora busca na trajetória do SUBJUNTIVO desde o latim clássico até o francês antigo, em que se podem encontrar vários verbos-matriz com uma flutuação modal, que deixam transparecer um período de variabilidade (p. 259).

A partir do exposto acima, a autora propõe que a noção de *inherent variability* (“variabilidade inerente”), proposta por Labov (1971), Sankoff (1982)

---

<sup>20</sup> “Há boas razões para se pensar essa variação tem sido estável por séculos”.

e (1988), G.Sankoff & Labov (1985), seja aplicada ao SUBJUNTIVO. Dessa maneira, o MODO SUBJUNTIVO passaria a ser considerado como uma das variantes de uma variável lingüística, que pode alternar com INDICATIVO e CONDICIONAL em orações encaixadas (cf. exemplificação de 7 a 11 em Poplack, 1992, p.241). Sob essa perspectiva, a autora mostra que a seleção de um ou de outro MODO em um dado contexto é *condicionada* ou até mesmo promovida, pela existência de certos fatores na oração, mas não é totalmente *determinada* por estes (p.242). Dentre os condicionadores, citam-se: o grau de asserção da oração encaixada, a presença de outros indicadores de MODALIDADE não-factual, a seleção do tempo verbal e a classe semântica do verbo da oração matriz.

### **2.6.2- Grupo II**

Nesse grupo encontra-se o estudo de Botelho Pereira (1974), que estabelece três tipos de funções que podem expressas através do SUBJUNTIVO e do INDICATIVO, a saber:

I- função predominantemente semântica, com os chamados predicadores indiferentes, em que são manifestadas oposições entre os MODOS não condicionadas pelo contexto superficial, como em (43a) e (43b);

II- função semântico-gramatical, de compatibilidade com contextos superficiais que se opõem entre si em virtude dos seguintes fatores:

a- significados factivos x nunca factivos;

b- afirmação x negação.

Confiram-se, para exemplificação, (44a) e (44b).

III- função predominantemente gramatical, reservada ao SUBJUNTIVO, que marca a subordinação em contextos em que o valor de verdade da oração subordinada é irrelevante para a determinação do MODO verbal, como em (45).

(43) a- “Maria *acredita* que Deus **existe**”. (relato a respeito de uma convicção

IND do sujeito)

b- “Maria *acredita* que Deus **exista**”.(valor indefinido da proposição

SUBJ subordinada)

(44) a- predicador factivo:

“Eu *esqueci* que a janela **estava** aberta”. [sempre verdadeiro]

IND

b- predicado não-factivo:

“*Desejo* que Pedro se **recupere**”. [valor de verdade indefinido]

SUBJ

(45) “As providências do governo *evitaram* que a epidemia se **propagasse**”.

SUBJ

Para Botelho Pereira, as duas primeiras funções caracterizam o SUBJUNTIVO como MODO verbal (caracterização semântica); a terceira, no entanto, é classificada como *forma subjuntiva* (caracterização formal).

Assim, com base nesses três tipos de função, são tratados de maneira diferenciada os contextos em que a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO acarreta oposição semântica (função I), os contextos em que, apesar de não acarretar oposição semântica, o uso de INDICATIVO/SUBJUNTIVO é semanticamente significativo (função II) e, por fim, os contextos em que o uso de SUBJUNTIVO é predominantemente gramatical

(função III). Para as funções II e III, a autora apresenta três conseqüências que o uso de INDICATIVO em lugar de SUBJUNTIVO pode acarretar: pode afetar o nível de formalidade da oração, pode tornar a frase pouco aceitável, ou pode até mesmo torná-la agramatical. O que garante, no entanto, essa possibilidade de uso de INDICATIVO nesses contextos “reservados” ao SUBJUNTIVO seria o fato de a MODALIDADE a ser expressa pelo SUBJUNTIVO já se encontrar marcada de alguma outra forma na oração, por exemplo, pela subordinação sintática.

### **2.6.3- Grupo III**

Nesse grupo, encontram-se as análises de Podolsky (1983) para o espanhol e a de Fávero (1982) para o português contemporâneo.

Podolsky, a partir da separação entre os conceitos de MODO como uma categoria morfológica do verbo e MODALIDADE como categoria semântica (nocial), presentes em Jespersen (1924, p.313) e retomados em Lyons (1968), afirma que o SUBJUNTIVO é sempre semanticamente significativo (ou seja, é sempre a expressão da modalidade de dúvida e incerteza), mesmo em contextos em que não é possível estabelecer oposição com o INDICATIVO. Por isso, o uso de INDICATIVO em orações como (46) as torna agramaticais, pois esse MODO

.não é compatível com a MODALIDADE a ser veiculada, determinada pelo verbo da oração matriz.

(46) \*“*Ansio que vienes*”. (Podolsky, 1983)

IND

“*Desejo que você vem*”.

Para o português contemporâneo, Fávero (1982) caracteriza o MODO verbal como sendo determinado pela atitude proposicional interpretativa do sujeito da oração matriz, atitude essa que se encontra no conteúdo semântico desse mesmo verbo.

Essa análise semântica proposta pela autora conduz à seguinte distribuição modal:

I- verbos de atitude proposicional não-interpretativa (*saber, declarar, etc*)

MODO utilizado: INDICATIVO

motivo: não sujeitos à aplicação do traço [ $\pm$  factivo]

II- verbos de atitude proposicional interpretativa volitiva (*ordenar, querer, suplicar, etc*) e de sentimento (*alegrar-se, entristecer-se, etc*)

MODO utilizado: SUBJUNTIVO



motivo: presença do traço [+ volitivo]

III- verbos de atitude proposicional interpretativa de julgamento (*acreditar, pensar, imaginar, etc*)

MODO utilizado: INDICATIVO [+ factivo]

SUBJUNTIVO [- factivo]

A distribuição modal assim definida, na análise proposta pela autora, justifica a agramaticalidade de orações como (47) e (48):

(47) \* “*Ordeno* que você **estuda** inglês”. (Fávero, 1982)

IND

ordenar: verbo de atitude proposicional interpretativa volitiva

(48) \* “*Sei* que Mariana **estude** português”. (Fávero, 1982)

SUBJ

saber: verbo de atitude proposicional não-interpretativa

## 2.7- ABRINDO PERSPECTIVA PARA UMA NOVA ANÁLISE

Os vários estudos que foram apresentados nas seções anteriores mostram que a caracterização da categoria de MODO é bastante complexa, principalmente em relação à distribuição dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO. Acredita-se que tal fato ocorra devido à dupla interpretação que o sufixo marcador de MODO e tempo pode receber: uma que privilegia o processo de complementação, visto sob a perspectiva do plano sintático, presente na aceção de que o SUBJUNTIVO seja uma simples marca formal de subordinação, vazia e redundante; e outra que privilegia o processo semântico de atribuição de MODALIDADE a uma frase, um processo que pode ser expresso pelo sufixo marcador de MODO (*amA-IND* X *amE-SUBJ*), bem como por um advérbio (*talvez*), por um adjetivo (*possível, necessário*), pelo tipo de Vmatriz (*querer, esperar*), pela entonação (perguntas sim/não), dentre outros recursos. Os referidos estudos, ao abordar a questão do MODO verbal de forma a privilegiar ora o processo semântico, ora o processo sintático, geram imprecisões e inadequações nas análises, que sem soluções *ad hoc* não são capazes de descrever o processo de seleção modal.

A partir do pressuposto de que esses dois processos não podem ser dissociados num estudo que se propõe a caracterizar a questão do MODO verbal,

por se tratar de uma intersecção de processos, entende-se que tanto o processo de complementação, quanto o de MODALIDADE atribuem um caráter redundante ao sufixo marcador de SUBJUNTIVO no contexto selecionado para estudo, isto é, nas orações completivas objetivas diretas, uma vez que o SUBJUNTIVO marca subordinação juntamente com o complementizador, além de também marcar MODALIDADE ao lado do verbo da oração matriz (*querer, esperar, etc*).

Considera-se que esse duplo caráter redundante da marca morfológica de SUBJUNTIVO, associado à já mencionada tendência das línguas a se desfazer do SUBJUNTIVO (cf. capítulo 1-pág.12) venha a propiciar a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO e o avanço daquele em direção a contextos “reservados” a este, presentes em todos os tipos de orações analisados, desde o latim até o português contemporâneo.

No entanto, é importante notar que considerar o SUBJUNTIVO como marca redundante tanto de subordinação, quanto de MODALIDADE não significa que este MODO expresse, em todos os casos em que ocorre em orações completivas objetivas diretas, uma MODALIDADE não-factiva, como comumente está presente em análises que privilegiam o processo semântico. É possível que o SUBJUNTIVO seja utilizado apenas como marca de subordinação, com predicadores factivos, como exemplificado em (45) abaixo

com o verbo *scire*- ‘saber’. Nesse contexto, não se pode associar a ocorrência de SUBJUNTIVO à expressão de um valor modal não-factivo, já que o verbo *scire* não se enquadra em nenhuma das MODALIDADES não-factivas de volição, dúvida ou hipótese, etc, que podem ser expressas pelo SUBJUNTIVO, apesar de ocorrer, em latim, tanto com INDICATIVO, quanto com SUBJUNTIVO, como pode ser observado em (49) e (50).

(49) “*Equidem scio iam filius quod*  
certamente,adv.-saber,pres.ind.1ªp.s-adv.,já-filho,nom.sing.masc.-que,COMP-  
**amet** meus **istanc**  
amar,pres.subj.3ªp.s.-meu,pron.poss.1ªp.s.nom.sing.masc.-esse,pron.demonst.  
meretricem”. (Plauto, séc.II a.C., *Asin.*,52; apud Maurer Jr., 1959)  
2ªp.acus.sing.fem.-meretriz,acus. sing.fem.

“Certamente eu já *sei* que o meu filho **ama** essa meretriz”

(50) “*Scis enim, quod epulum*  
saber,2ªp.s.pres.ind-na verdade,adv-que,COMP-banquete público,acus.neut.sing  
**dedi** binos **denarios**”. (Petron., *Sat.*,71, séc I d.C.,)  
dar,1ªp.s.pret.perf.ind.-dois para cada,num.distrib.acus.pl.masc.-denário (moeda  
romana),acus.pl.masc.

“Na verdade, você *sabe* que eu **dei** um banquete público e dois denários para cada um”.

Por outro lado, o verbo *saber*, correspondente em português contemporâneo ao *scire* latino, não apresenta tal oscilação, ocorrendo apenas com INDICATIVO (100% das 64 ocorrências de *saber* no **corpus** analisado são de INDICATIVO). Nesse contexto, a ocorrência de SUBJUNTIVO em português contemporâneo tornaria a oração agramatical, como se pode observar através do confronto entre (44), repetido abaixo, e (51).

(44) \* “*Sei* que Mariana **estude** português”. (Fávero, 1982)

SUBJ

(51) “Eu só *sei* que nem **estuda**”. (E 17)

IND

Em contra-partida, uma oração que contenha um predicador não-factivo ou contra-factivo no português contemporâneo, como o verbo *querer*<sup>21</sup> (MODALIDADE=volição), cujo correspondente em latim, o verbo *uelle* ‘querer’, apresentava um uso consistente de SUBJUNTIVO, como mostrado no exemplo (38a) repetido abaixo, ocorre em português contemporâneo tanto com INDICATIVO, quanto com SUBJUNTIVO, como indicado em (52) e (53).

(38) a- “*Volo ut ueniat*”. (Harris, 1974)

querer, pres. ind. 1ª p. s. - que, COMP- vir, pres. subj. 3ª p. s.

“*Quero que venha*”

<sup>21</sup> Um problema que pode ser apontado em relação à comparação entre os processos de oscilação modal que foram identificados nos verbos *scire* ‘saber’ em latim e *querer* no português contemporâneo é o da etimologia desses verbos. O verbo *saber* se origina do verbo *\*sapere* (do latim clássico *sapere*), que substituiu o verbo *scire* ainda em latim, tendo sido atestado na acepção de *saber*, *compreender* já em Plauto, como mostra (i) abaixo. Esse desenvolvimento se deu, segundo Corominas, em todas as línguas românicas, exceto em romeno e sardo, línguas que apresentam verbo *saber* a partir de *scire*. Já o verbo *querer* se origina de *quaerere* e não de *uelle*. Esse desenvolvimento, atestado apenas em 999, ocorreu somente em português, castelhano e parte do sardo, e se torna frequente a partir do século XI (Corominas).

No entanto, apesar de ter havido essa substituição dos itens lexicais, o tipo de MODALIDADE expressa por esses verbos não se alterou, isto é, tanto *scire*, quanto *\*sapere* são verbos factivos, da mesma forma que tanto *uelle* quanto *quaerere*. Na acepção de *querer*, são verbos não-factivos.

(i) “*Recte ego rem meam sapio*” (Plaut. Ps. 1.5.81; apud Lewis & Short)

bem. adv. - eu. pron. pess. 1ª p. s. - situação. acus. sing. fem. - meu. pron. poss. 1ª p. s. fem. / *sapere*-  
compreender, pres. ind. 1ª p. s.

“Eu *compreendo* bem minha situação”.

(52) “Não é verdade que basta a mulher *querer* que **chega lá**”.(Sandra Starling, em entrevista à revista “Cláudia”-março/95, p.184)

IND (‘pro’ SUBJ **chegue**)

(53) “Eu *quero* que vocês **anotem**”. (NURC-vol.1-inquérito nº 377)

SUBJ

Ressalvada a questão etimológica e comparando-se os dados do latim com os do português contemporâneo no que se refere às MODALIDADES expressas pelos verbos em questão e aos MODOS com que eles ocorrem, pode-se estabelecer um paralelismo entre a oscilação modal presente no verbo *scire* em latim e no verbo *querer* no português contemporâneo, como está evidenciado no quadro que se segue.

Quadro 2: oscilação modal: *scire/saber* X *velle/querer*

	<i>SCIRE/ SABER</i>	<i>VELLE/QUERER</i>
MODALIDADE expressa pelo Vmatriz	factividade	não-factividade (volição)
oscilação em latim	presente (uso de IND/ SUBJ)	ausente (uso de SUBJ)
oscilação em português contemporâneo	ausente (uso de IND)	presente (uso de IND/ SUBJ)

De acordo com o quadro apresentado anteriormente, percebe-se que:

(i) a oscilação no uso dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO está presente em ambos os verbos, independentemente da MODALIDADE expressa por eles, o que reforça a hipótese de que o SUBJUNTIVO possa ser entendido como uma marca redundante de subordinação;

(ii) existe uma relação entre o tipo de MODALIDADE expressa pelo Vmatriz, se este é um predicador factivo ou não-factivo, e o uso categórico de SUBJUNTIVO ou de INDICATIVO, relação essa que pode ser definida da seguinte maneira: quando o uso de SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas está relacionado apenas ao processo de complementação, como com o verbo *scire* ‘saber’ em latim, ou seja, quando o SUBJUNTIVO é uma marca redundante apenas de subordinação, este MODO cede espaço para o INDICATIVO mais facilmente do que quando é marca redundante tanto de subordinação, quanto de MODALIDADE, como com o verbo *querer* no português contemporâneo.

A partir dos dados discutidos acima, pode-se formular a hipótese de que o uso de INDICATIVO em contextos “reservados” ao SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas, que se evidencia no português contemporâneo, seja



uma etapa de um processo de mudança no sistema de complementação relacionado ao processo de MODALIDADE, cuja etapa final seria a fixação do uso de INDICATIVO nesses mesmos contextos. Isso implica considerar que, na verdade, o processo de mudança pelo qual estaria passando o sistema de complementação - um processo que pode ser descrito como: a) oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, b) crescente perda de espaço pelo SUBJUNTIVO em favor do INDICATIVO, c) completa substituição do SUBJUNTIVO pelo INDICATIVO - é o mesmo; o processo de mudança em questão estaria atingindo verbos pertencentes a diferentes classes de MODALIDADES, de acordo com a seguinte divisão:

tipo I- MODALIDADE: factividade

estágio da mudança no português contemporâneo: uso categórico de

INDICATIVO

tipo II- MODALIDADE: não-factividade I (dúvida, hipótese, ...)

estágio da mudança no português contemporâneo: ampla oscilação entre

INDICATIVO/SUBJUNTIVO, com predomínio de INDICATIVO

tipo III- MODALIDADE: não-factividade II (volição, comando, ...)

estágio da mudança no português contemporâneo: oscilação mais

restrita entre INDICATIVO/SUBJUNTIVO

Segundo essa hipótese, o que define se a oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas será maior ou menor é a MODALIDADE expressa pelo Vmatriz. Se esta for factiva, o verbo da oração completiva objetiva direta estará no INDICATIVO, se esta for não-factiva I (dúvida, hipótese, ...), o Vcompl poderá estar tanto no INDICATIVO, quanto no SUBJUNTIVO, apresentando um uso generalizado de INDICATIVO, e se esta for não-factiva II (volição, comando, ...), o Vcompl poderá estar tanto no INDICATIVO, quanto no SUBJUNTIVO, com o uso de INDICATIVO em expansão. Através dessa hipótese, que associa a seleção da categoria flexional de MODO verbal aos processos de complementação e de MODALIDADE, pretende-se apresentar uma nova abordagem à caracterização do MODO verbal no português contemporâneo.

A associação entre os processos de oscilação dos MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, presente nos verbos *scire* ('saber') em latim e *querer* em português, apresentada acima, com base na qual se formulou a hipótese de que a oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas seja um processo de mudança no sistema de complementação, relacionado ao processo de MODALIDADE, exige que se faça um estudo mais aprofundado desse processo de oscilação em ambas as línguas, a fim de que se

possa testar a hipótese apresentada. Proceder-se-á a essa análise nos próximos capítulos, iniciando-se pela descrição dos **corpora** utilizados para análise.

## CAPÍTULO 3

### DESCRIÇÃO DOS “CORPORA”

“Nonne uides etiam guttas in saxa cadentis  
umoris longo in spatio pertundere saxa?”.

(Lucrecio)

#### 3.1- ESCOLHA DA SINCRONIA PASSADA

Primeiramente, pensou-se em estudar a oscilação modal em latim em textos reconhecidos como fontes para o estudo do latim falado. Foi, então, realizada uma coleta de dados no texto **Cena Trimalchionis** da obra **Satyricon** (capítulos

XXIX a LXXVII), de Petrônio, séc.I d.C..<sup>22</sup> No entanto, contrariamente às expectativas, o texto apresenta os índices de orações completivas objetivas diretas apresentados na tabela que se segue:

tabela 1: orações completivas objetivas diretas no texto **Cena Trimalchionis**.

tipos de estrutura	total de ocorrências	porcentagem
ACUSATIVO COM INFINITIVO	97	72%
COMP + INDICATIVO	4	3%
(COMP) + SUBJUNTIVO	34	25%

Esses índices altíssimos da estrutura clássica de acusativo com INFINITIVO, uma construção cujo Vcompl não possui sufixo de MODO e tempo, diferenciam muito pouco o texto **Cena Trimalchionis** da norma gramatical e inviabilizam seu uso como fonte para o estudo da oscilação modal em orações completivas objetivas diretas.

Fez-se, então, necessário identificar a época em que a estrutura de acusativo com INFINITIVO teve seu uso reduzido, seja utilizada como uma alternativa à conjuncional, como nos pares em (54a) e (54b) abaixo, seja como

<sup>22</sup> Foi utilizada a edição bilingue latim-francês, 9ª tiragem revista e corrigida por Alfred Ernout (1982), publicada pela Société d'Édition "Les Belles Lettres", Paris.

única estrutura prevista pela norma gramatical, como em (55), dando espaço para que se generalizasse o uso das estruturas introduzidas pelas conjunções *quod*, *quia* e *quoniam* com orações completivas objetivas diretas. O resultado desse estudo mostrou que, em geral, data-se essa ampliação do uso da estrutura conjuncional como do século III d.C. (Maurer Jr., 1959).

(54) a- “Quem tamen esse natum  
 ele,pron.rel.anaf.acus.sing.masc-contudo,adv-ter nascido,inf.perf.sing.masc  
 et nos gaudemus (...)” (Cic.,Lae.14; apud Faria, 1995, p.369)

e,conj.-nos,pron.pess.1ªp.p.acus.sing.-alegrar-se,1ªp.p.pres.ind.1ªp.p.

“Contudo, nós nos *alegramos* de que ele **tenha** (=de ele **ter**) **nascido** (...)”.

(54) b- “Sane gaudeo QVOD te  
 bastante,adv.-alegrar-se,1ªp.s.pres.ind.-que,conj.-te,pron.pess.2ªp.s.acus.sing  
**interpellau**i”. (Cic.,Leg.,3,1,1;apud Faria,1995, p.371)

citar,1ªp.s.pret.perf.ind.

“*Alegro*-me bastante de **ter** (de que eu **tenha**) te **citado**”.

(55) “*Aiunt* hominem **respondisse** (...)” (Cic,Amer.,33; apud Faria,1995, p.366)

dizer,3ªp.p.pres.ind.-homem,acus.sing.masc.-ter respondido inf.perf.

“*Dizem* que o homem **respondeu** (=Dizem o homem **ter respondido**)”.

É importante chamar a atenção para o fato de que essa generalização da estrutura conjuncional trouxe uma profunda reformulação no sistema de complementação, com reflexos no processo de MODALIDADE, pois a presença de uma conjunção (=complementizador) exige que o verbo da oração completiva seja de forma finita, isto é, possua sufixo de MODO e tempo e desinência de número e pessoa, ampliando, conseqüentemente, os contextos em que os escritores/falantes do latim teriam de fazer a opção entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO.

No entanto, o(s) fator(es) que leva(m) o escritor/falante de latim a selecionar um ou outro MODO não estão claramente definidos, como reconhecem Leumann et alii (1965), ao afirmarem que:

“Der Modusgebrauch bei *quod, quia* und *quoniam* nach dem Verba sentiendi und dicendi unterliegt im Spätlatein starken Schwankungen und ist zusammenfassend noch nicht untersucht”<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> “O modo utilizado com *quod, quia* e *quoniam* depois de verbos dicendi e sentiendi apresenta forte oscilação em latim tardio e ainda não foi pesquisado como um todo”. [tradução minha]

De acordo com os mesmos autores, já foram feitas tentativas de definir os contextos que favorecem ora INDICATIVO, ora SUBJUNTIVO nas estruturas introduzidas pelas conjunções *quia*, *quod* e *quoniam* baseadas no tipo de verbo da oração matriz, ou ainda na seleção da conjunção, que, no entanto, não levaram a nenhum resultado claro (Leumann, et alii, 1965, p.577).

Com base nessas informações, optou-se por estudar a oscilação modal no contexto selecionado para estudo em textos do século IV, um período um pouco posterior à datação apresentada anteriormente, na tentativa de se evitar um alto índice de estruturas de acusativo com INFINITIVO.

### 3.2- A ESCOLHA DO TEXTO

Para realizar a análise do processo de oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em latim foi escolhido o texto **Peregrinatio Aetheriae**<sup>24</sup>. A escolha desse texto foi feita com base em determinadas características que esse apresenta, a saber:

(i) é dos mais apontados como contendo elementos de linguagem oral e representa uma reconhecida fonte de estudo para o latim vulgar;

---

<sup>24</sup> Foi utilizada a edição bilingue latim-espanhol, feita por Augustin Arce (1980), publicada pela Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid.



- (ii) é um texto de que se conhece a autoria e a provável data em que foi escrito coincide com o período selecionado para estudo (séc. IV)<sup>25</sup>;
- (iii) possui edições fidedignas.

### 3.3- A COLETA DE DADOS DO LATIM

Uma vez que o texto *Peregrinatio Aetheriae*, edição bilingue latim-espanhol, está disponível em disquete<sup>26</sup>, no programa Word5 para DOS, a coleta de dados do mesmo foi, primeiramente, realizada com o auxílio do programa computacional MICROCONCORD, uma versão que opera também em DOS, elaborada pela Universidade de Oxford. Esse programa auxilia no levantamento preliminar de dados, já que possui a capacidade de localização de qualquer seqüência de letras, palavras inteiras ou não, e processamento de listagens da seqüência que foi pedida. Essas listagens, organizadas por ordem alfabética da palavra seguinte, contém a apresentação do contexto em que a seqüência comandada ocorre. O programa permite que a extensão do contexto seja definida pelo usuário, que determina o número de caracteres a serem apresentados antes e depois da seqüência que foi pedida.

---

<sup>25</sup> A propósito da datação do texto *Peregrinatio Aetheriae*, existe outra datação possível, proposta por Meister, que estabelece que o texto foi escrito em 540 d.C.. Segundo Väänänen (1987), apesar de apoiada por Löfstedt, essa tese não obteve sucesso.

<sup>26</sup> A digitação da edição bilingue espanhola foi realizada pelo professor Antônio Martinez de Rezende, do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, que gentilmente forneceu uma cópia em disquete para a realização da presente pesquisa.

Especificamente no caso do presente estudo, optou-se por direcionar a busca a partir dos complementizadores que podem ocorrer introduzindo orações completivas objetivas diretas. São eles: QVOD, QVIA, QVONIAM, VT, NE, QVO, QVID e QVALITER<sup>27</sup>, obtendo-se uma listagem de todas as ocorrências dos mesmos no texto. A partir dessa listagem, procedeu-se a uma leitura dos contextos selecionados pelo programa, para separar apenas as ocorrências da estrutura em estudo, ou seja, somente as orações completivas objetivas diretas. Quando houve dúvidas em relação ao tipo de oração, se esta seria completiva ou adverbial, recorreu-se até mesmo à tradução espanhola, para que se pudesse decidir pela inclusão ou não da oração no *corpus*. Em seguida, o texto *Peregrinatio Aetheriae* foi lido por inteiro, com o objetivo de se confirmar esse levantamento inicial de dados e, principalmente, selecionar as ocorrências de orações completivas objetivas diretas sem complementizador (estruturas justapostas). Terminado o levantamento de dados, foram selecionadas para análise 67 ocorrências de orações completivas objetivas diretas no texto *Peregrinatio Aetheriae*. Essas 67 ocorrências foram organizadas por ordem de aparecimento no texto, com a ampliação do contexto, envolvendo todo o período, conforme apresentado no appendix 1.

---

<sup>27</sup> Apesar de serem mencionados como podendo introduzir orações completivas objetivas diretas, os complementizadores QVO, QVALITER e QVID não ocorrem, nesse contexto, na *Peregrinatio*.

Os dados selecionados para estudo, que formaram o **corpus** do texto **Peregrinatio Aetheriae**, foram, então, submetidos a uma análise quantitativa, através do uso dos programas do pacote Varbrul 2S, para que se pudessem comparar, estatisticamente, os resultados obtidos no **corpus** do latim com os resultados obtidos no **corpus** do português contemporâneo.

### 3.4- SOBRE OS PROGRAMAS DO PACOTE VARBRUL 2S

Os programas do pacote VARBRUL foram desenvolvidos por D.Sankoff e aprimorados por pesquisadores da Universidade da Pennsylvania com o objetivo de implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis, analisados sob a perspectiva da variação lingüística laboviana (Scherre, 1992, p.1). No presente trabalho, foi utilizada a versão de 1992, formada por um conjunto de 10 programas, a saber: CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, IVARB, TVARB, MVARB, CROSSTAB, TSORT, TEXTSORT e COUNTUP.

Paralelamente aos programas do pacote Varbrul, foi necessário trabalhar com o programa de editor de textos QEDIT (QUICKEDITOR), onde foram feitos os três arquivos que são exigidos como entrada para o processamento da análise estatística pelo Varbrul. São eles:

- (i) um arquivo de dados, onde devem ser digitados a cadeia de codificação e o dado correspondente a essa cadeia;
- (ii) um arquivo de especificação de fatores, que deve conter todos os símbolos válidos para a cadeia de codificação;
- (iii) um arquivo de condições, que define que fatores ou grupos de fatores devem ser levados em consideração na análise estatística.

Os programas básicos para a análise estatística são CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, IVARB, TVARB, MVARB. O CHECKTOK possui como entrada o arquivo de especificação de fatores (arquivo com extensão *.esp*) e o arquivo de dados (arquivo com extensão *.dat*) e gera um arquivo corrigido (arquivo com extensão *.cor*). Sua função é conferir se os símbolos utilizados na cadeia de codificação do arquivo de dados estão de acordo com o arquivo de especificação. O READTOK possui como entrada o arquivo corrigido, gerado pelo CHECKTOK, e tem como função gerar um arquivo de ocorrências (arquivo *.oco*), que corresponde ao arquivo de dados somente com a cadeia de codificação, com a exclusão do dado e do abre-parênteses. O MAKECELL recebe o arquivo de ocorrências gerado pelo READTOK e gera um arquivo de células (arquivo *.cel*), que por sua vez serve de entrada ou para o IVARB, programa destinado a gerar a análise dos pesos relativos de um fenômeno

variável binário, para selecionar, com base nesses valores, os grupos de fatores estatisticamente relevantes; ou para o TVARB, caso o fenômeno em estudo seja uma variável ternária; ou para o MVARB, se se tratar de uma variável enéaria. Os outros quatro programas do pacote Varbrul são auxiliares e possuem as seguintes funções:

CROSSTAB- programa de tabulação cruzada das porcentagens atribuídas a dois grupos de fatores;

COUNTUP- programa de contagem geral dos dados, que fornece a frequência geral dos dados por variável e por fator dentro de cada variável;

TSORT- programa de procura e reordenação de dados, que efetua a procura em função da cadeia de codificação;

TEXTSORT- programa de procura e reordenação de dados, que efetua a procura em função do que foi digitado após a cadeia de codificação, seja o contexto lingüístico, seja a identificação do falante, seja qualquer outra informação.

### **3.5- ANÁLISE QUANTITATIVA DO CORPUS DA PEREGRINATIO AETHERIAE**

Para proceder à execução do Varbrul 2S, todas as 67 (sessenta e sete) ocorrências de orações completivas objetivas diretas que formam o **corpus** do texto **Peregrinatio Aetheriae** foram quantificadas segundo os grupos de fatores estruturais selecionados para análise. A escolha dos grupos de fatores que compõem as variáveis independentes, i.e., as variáveis utilizadas como possíveis condicionadores da variável dependente (fenômeno variável que está sendo estudado), foi feita procurando levar em consideração os outros fenômenos estruturais envolvidos no processo de complementação em questão, as orações completivas objetivas diretas, tanto na oração matriz, quanto na oração completiva. Com base nesse critério, foram estabelecidos os seguintes grupos de fatores:

#### **variável dependente:**

- MODO do verbo da oração completiva (Vcompl)
  - INDICATIVO
  - SUBJUNTIVO

- MODO Ø (INFINITIVO)

- casos opacos<sup>28</sup>

variáveis independentes:

- COMPLEMENTIZADOR

- QVOD

- QVIA

- QVONIAM

- VT

- NE

- COMP Ø

- EO QVOD

- MODALIDADE do Vmatriz

-factividade

-não-factividade I (dúvida, hipótese, ...)

-não-factividade II (volição, comando, ...)

---

<sup>28</sup> Foram consideradas como casos opacos as formas verbais do Vcompl cujo sufixo de modo e tempo é *-eri-*, que pode ser marca tanto de futuro do perfeito do INDICATIVO quanto de pretérito perfeito do SUBJUNTIVO.

- ausência ou presença da negativa no Vmatriz

-tempo do Vmatriz

- presente

- imperfeito

- perfeito e mais-que-perfeito

- futuro

- ausência de tempo

- casos opacos

- tempo do Vcompl

- presente

- imperfeito

- perfeito e mais-que-perfeito

- futuro

- ausência de tempo

- casos opacos



- pessoa e número do Vcompl.
  - 1ª pessoa do singular
  - 2ª pessoa do singular
  - 3ª pessoa do singular
  - 1ª pessoa do plural
  - 2ª pessoa do plural
  - 3ª pessoa do plural

No primeiro levantamento estatístico, foi realizada uma análise binária (SUBJUNTIVO X outros fatores da variável dependente) para se tentar identificar que fator(es) dos acima relacionados estaria(m) favorecendo a presença do SUBJUNTIVO no Vcompl. No entanto, foram apontados 9 fatores de efeito categórico, denominados fatores “knockouts”, que não permitiram que o programa VARBRUL 2S fizesse o cálculo dos pesos relativos e a seleção dos fatores estatisticamente significativos, uma vez que o VARBRUL 2S é um programa destinado à análise somente de fenômenos lingüísticos variáveis. A ocorrência de alguns desses “knockouts” se deve a uma lacuna na amostra, que apresentou uma única ocorrência de alguns fatores. São eles:

1- COMP QVOD

2- COMP NE

3- opacidade do Vmatriz

4- Vcompl na 2ª p.s.

5- Vcompl na 2ª p.pl.

Os outros fatores de efeito categórico são, no entanto, linguisticamente significativos. São eles:

1- Vmatriz no pretérito imperfeito (9 ocorrências)

2- opacidade do Vcompl (6 ocorrências)

3- ausência de marca de tempo no Vcompl (35 ocorrências)

4- ausência de desinência de número e pessoa no Vcompl (35 ocorrências)

No primeiro desses fatores, todas as 9 ocorrências de Vmatriz no pretérito imperfeito não utilizam o MODO SUBJUNTIVO no Vcompl. Numa análise mais detalhada dessas ocorrências, identificou-se que as mesmas apresentam o Vcompl sempre no INFINITIVO, forma que não possui sufixo de MODO e tempo, não podendo, portanto, nem favorecer, nem desfavorecer o uso de um ou de outro MODO.

A opacidade do Vcompl se constitui certamente em um fator de efeito categórico, já que, apenas pelo sufixo *-eri-*, não é possível definir se se trata de futuro perfeito do INDICATIVO ou pretérito perfeito do SUBJUNTIVO.

No terceiro e no quarto fatores, o efeito categórico se deve ao fato de que, estando o Vcompl no INFINITIVO, este não apresenta nem marca de tempo, o que implica a ausência de marca de MODO, já que o sufixo possui a dupla função de marcar tempo e MODO; nem marca de pessoa e número, categorias flexionais do verbo presentes somente em formas finitas.

Após a retirada desses fatores “knockouts”, através da criação de um novo arquivo de condições excluindo esses fatores, a partir do qual foi criado um novo arquivo de células, pôde-se submeter esse último arquivo de células ao programa IVARB, para que o mesmo realizasse o cálculo dos pesos relativos e selecionasse os fatores estatisticamente significativos. Realizada a análise, o programa selecionou três das seis variáveis independentes como fatores estatisticamente relevantes. Foram elas:

1- MODALIDADE do Vmatriz

2- tempo do Vcompl

3- pessoa do Vcompl

A tabela 2 apresenta a frequência de ocorrências do grupo de fatores MODALIDADE do Vmatriz, bem como o peso relativo atribuído aos fatores pertencentes a esse grupo.

tabela 2: MODALIDADE do Vmatriz.

FATORES	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	ocorrência/ de SUBJ	total de casos=%	
verbos factivos	10/37=27%		.62
verbos não-factivos I	2/15=13%		.02
verbos não-factivos II	10/16=63%		.92

Através destes percentuais, pode-se perceber que os verbos factivos e os verbos não-factivos II se comportam segundo o previsto pela hipótese, uma vez que os verbos factivos apresentam uma probabilidade menor de uso de SUBJUNTIVO do que os verbos não-factivos II (peso relativo .62 para os primeiros e .92 para os últimos). No entanto, contrariamente às expectativas, os verbos não-factivos I apresentam uma taxa muito baixa de SUBJUNTIVO (peso relativo .02), mostrando que houve uma inversão entre os verbos factivos e os não-factivos I em relação ao uso de SUBJUNTIVO, uma vez que, segundo os números apresentados acima, os verbos factivos favoreciam mais o uso de

SUBJUNTIVO do que os verbos não-factivos I, no latim do período estudado. Uma das razões que podem ser apontadas para esse resultado inesperado é o fato de que os verbos não-factivos I são os que apresentam a maior taxa de uso da estrutura clássica de acusativo com infinitivo: 73% das ocorrências de verbos pertencentes a esse grupo apresentam o Vcompl no INFINITIVO, contra 49% dos verbos factivos e 38% dos verbos não-factivos II. Esses resultados mostram que os verbos não-factivos I mantiveram o uso da estrutura clássica mais tempo do que os demais verbos, e estavam menos sujeitos à oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, como pode ser observado na tabela 3 abaixo.

tabela 3: porcentagem de ocorrência de IND, SUBJ e INF em cada uma das MODALIDADES

verbos factivos			verbos não-factivos I			verbos não-factivos II		
SUBJ	IND	INF	SUBJ	IND	INF	SUBJ	IND	INF
27%	8%	49%	13%	13%	73%	63%	0%	38%

É importante destacar que a taxa de ocorrência da estrutura clássica de acusativo com infinitivo (51% das ocorrências) é alta em relação aos outros fatores da variável dependente (32% de SUBJ, 7% de IND e 9% de casos opacos). Estabelecendo-se uma escala com base nesses valores, tem-se a seguinte seqüência:

ACUSATIVO COM INFINITIVO



SUBJUNTIVO



CASOS OPACOS



INDICATIVO

O fato de o MODO INDICATIVO estar no final da escala pode ser entendido como uma evidência a favor da hipótese de que esse MODO seja realmente o ponto de chegada de um processo de mudança no sistema de complementação, que partiria da estrutura de acusativo com infinito em direção à estrutura de COMP+INDICATIVO, passando por COMP+SUBJUNTIVO.

Na tabela 4 estão indicados as freqüências de ocorrência e os pesos relativos atribuídos às mesmas do segundo grupo de fatores selecionado como estatisticamente significativo: o tempo do Vcompl.

tabela 4: tempo do Vcompl em latim.

FATORES	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	ocorrência de SUBJ/	total de casos=%	
perfeito e mais- que-perfeito	4/5=80%		.59
presente	5/8=63%		.04
imperfeito	13/14=93%		.85

Em termos quantitativos, a tabela 4 mostra que o fato de o Vcompl se encontrar no pretérito imperfeito favorece bastante o uso do MODO SUBJUNTIVO (peso relativo .85), sendo o uso desse MODO quase que categórico. Quando o Vcompl se encontra no pretérito perfeito e no pretérito-mais-que-perfeito, existe um equilíbrio maior no uso de SUBJUNTIVO, e o peso relativo (.59) mostra que esse fator não favorece nem desfavorece o uso desse MODO. Por outro lado, o Vcompl no presente é o tempo que menos favorece o uso de SUBJUNTIVO (peso relativo .04). Qualitativamente, esses números apontam para uma maior precisão do contexto mais exposto ao uso do MODO INDICATIVO, por um lado, e do SUBJUNTIVO por outro. Estabelecendo-se uma escala semelhante à anterior, tem-se:



O terceiro grupo de fatores selecionado como estatisticamente significativo foi “pessoa e número do Vcompl”. Na tabela 5, são apresentados as frequências de ocorrências e os pesos relativos a elas atribuídos.

tabela 5: Pessoa e número do Vcompl

FATORES	frequência de SUBJ/ total de casos=%	PESO RELATIVO
3 <sup>a</sup> p.s.	14/21=67%	.86
3 <sup>a</sup> p.pl.	6/10=60%	.02

Também esse resultado traz uma maior precisão do contexto que favorece ou desfavorece o uso de SUBJUNTIVO, uma vez que mostra que, na 3<sup>a</sup> pessoa do plural, o uso de SUBJUNTIVO é menos favorecido do que na terceira pessoa do singular. Reunindo-se os três fatores selecionados, pode-se identificar quais estruturas estariam mais sujeitas ao processo de mudança e quais estruturas estariam mais protegidas do mesmo. De acordo com esses grupos de fatores, tem-



se a seguinte seqüência: as primeiras estruturas a serem atingidas pela mudança pertencem ao grupo dos verbos factivos. Dentro desse grupo, serão atingidos prioritariamente os Vcompl que se encontram no presente e na terceira pessoa do plural. As estruturas mais protegidas do uso de INDICATIVO seriam os verbos não-factivos II, cujo Vcompl se apresenta no pretérito imperfeito e na 3ª pessoa do singular.

Os resultados obtidos mostram que a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO não é de maneira alguma aleatória, mas que, pelo contrário, segue um padrão definido.

Um outro argumento em favor da afirmação de que essa oscilação tenha partido dos verbos factivos é o fato de que se constatou, na análise do **corpus** da **Peregrinatio**, que a oração completiva com pronome catafórico na oração matriz [exemplo (54) abaixo] que, segundo Maurer Jr (1959, p.218), deu origem à conjuncional, ocorre somente com os seguintes verbos, todos eles factivos:

*referre* 'contar' → 4 ocorrências

*scire* 'saber' → 2 ocorrências

*dicere* 'dizer' → 1 ocorrência

*testari* 'atestar' → 1 ocorrência

(54) “ILLVD etiam retulit

isso, pron.cat.acus.sing.neut.-também, adv.-contar, 3ªp.s.pret.perf.ind.

sanctus episcopus, eo quod  
-santo, adj.nom.sing.masc.-padre, subst.nom.sing.masc.- que, COMP

hii fontes ubi  
este, pron.demonst.1ªp.nom.pl.masc.-fonte, subst.nom.pl.masc.-onde, adv.

eruperunt, ante sic  
aparecer, 3ªp.pl.pret.perf.ind.-antes, adv.-assim, adv.

fuert campus (...)”. (Per.Aeth., séc.IV d.C., p.238)

haver, 3ªp.s. sufixo de tempo e MODO opaco-campo, subst.nom.sing.masc.

“O santo padre também contou ISTO que, onde estas fontes apareceram, havia antes um campo (...)”.

### 3.6- LEVANTAMENTO DE DADOS PARA FORMAÇÃO DO CORPUS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

O levantamento das ocorrências de orações completivas objetivas diretas no português contemporâneo foi realizado em transcrições de entrevistas. A opção pelo registro oral se justifica pelo fato de que, na língua escrita, o falante do português tende a se policiar muito ao utilizar o MODO SUBJUNTIVO, o que

certamente reduziria a oscilação a uma porcentagem de ocorrência muito baixa, senão a zero. Dessa forma, somente através de uma análise baseada em um **corpus** formado a partir do registro oral, pode-se ter uma visão mais real da oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas. O **corpus** do português contemporâneo foi, então, formado a partir da transcrição de 30 (trinta) entrevistas gravadas, agrupadas da seguinte forma:

#### GRUPO A

faixa etária I (15 a 25 anos) + nível de escolaridade I (analfabeto a 1º grau)

#### GRUPO B

faixa etária I + nível de escolaridade II (2º grau a superior)

#### GRUPO C

faixa etária II (26 a 49 anos) + nível de escolaridade I

#### GRUPO D

faixa etária II + nível de escolaridade II

#### GRUPO E

faixa etária III (50 a 75 anos) + nível de escolaridade I

#### GRUPO F

faixa etária III + nível de escolaridade II

Definiu-se o número de 5 entrevistas para cada um dos grupos mencionados acima, número considerado suficiente para se obter um **corpus** representativo do uso da estrutura de orações completivas objetivas diretas. As entrevistas foram obtidas, primeiramente, em um banco de dados já existente, formado sob a supervisão da profa. Dra. Jânia Ramos, do Departamento de Lingüística da FALE/UFMG. Foram selecionadas para análise as entrevistas que apresentaram ocorrências de todos os três tipos de MODALIDADE expressas pelo Vmatriz (factividade, não-factividade I e não-factividade II), tendo sido descartadas as entrevistas que possuíam apenas verbos factivos e/ou verbos não-factivos I. Em seguida, tendo sido constatado que as entrevistas selecionadas não seriam suficientes para preencher o número de 30 entrevistas proposto inicialmente, e, que, além disso, o número de ocorrências de verbos não-factivos II estava muito baixo, optou-se por gravar as entrevistas necessárias para completar o **corpus**.

### 3.7- ANÁLISE QUANTITATIVA DO CORPUS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Com o objetivo de se obterem dados que possam ser comparados aos alcançados na análise do **corpus** do latim, na tentativa de se buscarem evidências

que reforcem a hipótese inicial de que a oscilação no uso do MODO verbal em orações completivas objetivas diretas seja, na verdade, um processo de mudança no sistema de complementação, as ocorrências de orações completivas objetivas diretas constantes do **corpus** do português contemporâneo foram submetidas a uma análise estatística através do mesmo programa utilizado anteriormente na análise do texto **Peregrinatio Aetherae**, o programa Varbrul 2S. No entanto, foram submetidos à análise quantitativa apenas as 97 (noventa e sete) ocorrências de verbos não-factivos II, uma vez que os verbos factivos apresentaram o uso categórico de INDICATIVO e os verbos não-factivos I apresentaram uma oscilação muito pequena entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO, como mostram os números apresentados na tabela 6 que se segue:

tabela 6: verbos factivos e não-factivos I no **corpus** do português contemporâneo.

VERBO factivo	nº de ocorrência de IND	nº de ocorrência de SUBJ
contar	13	Ø
dizer	60	Ø
saber	64	Ø
falar	100	01
lembrar	09	Ø
perceber	04	01
convencer	02	Ø
ver	24	Ø
entender	03	Ø
notar	04	Ø
VERBO não-factivo I	nº de ocorrência de IND	nº de ocorrência de SUBJ
pensar	08	Ø
crer	05	Ø
supor	03	Ø
acreditar	09	03
querer dizer	03	01
imaginar	03	01
achar	304	03

A tabela 6 mostra que os verbos factivos apresentam o uso categórico de INDICATIVO, exceto os verbos *perceber* e *falar*, e os verbos não-factivos I ou não apresentam oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO (*pensar*, *crer*, *supor*), ou apresentam um uso bastante reduzido de SUBJUNTIVO (*achar*, *imaginar*, *acreditar*). Esse uso nulo ou reduzido de SUBJUNTIVO pode ser interpretado como um indício de que o uso do MODO INDICATIVO ou já se estabeleceu totalmente nesse contexto, ou já se encontra bem próximo disso; além de reforçar a hipótese de que a MODALIDADE expressa pelo Vmatriz seja realmente o fator que norteia esse processo de fixação do uso de INDICATIVO, atuando da seguinte maneira: quanto mais forte for a MODALIDADE expressa pelo Vmatriz, mais barreiras o INDICATIVO encontrará para se estabelecer em contextos “reservados” ao SUBJUNTIVO.

Analisa-se que o uso de SUBJUNTIVO com os verbos factivos *perceber* e *falar* seja devido ao fato de que, embora aparentemente factivos, nos contextos em que ocorrem nas entrevistas, esses verbos assumem um valor não-factivo, como pode ser confirmado em (55) e (56) abaixo:

(55) “Não chegava nem a *perceber* que **tivesse** gente”. (E 20) [dúvida]

SUBJ

(56) “Ela *falou* com ela que *tomasse* a água”. (E: 44) [comando]

SUBJ

Feito o levantamento dos dados e definida a estrutura a ser submetida à análise estatística, todas as 97 (noventa e sete) ocorrências selecionadas foram quantificadas segundo os grupos de fatores previamente definidos, a saber:

variável dependente:

- MODO verbal do Vcompl
  - INDICATIVO
  - SUBJUNTIVO

variáveis independentes:

GRUPOS DE FATORES ESTRUTURAIS

- tempo do Vmatriz
  - presente
  - pretérito imperfeito



- pretérito perfeito
- futuro do pretérito
- futuro do presente
- sem marca de tempo
  
- ausência ou presença de negativa no Vmatriz
  
- tempo do Vcompl
  - presente
  - imperfeito
  - pretérito perfeito
  
- pessoa e número do Vcompl
  - 1ª pessoa do singular
  - 2ª pessoa do singular
  - 3ª pessoa do singular
  - 1ª pessoa do plural
  - 2ª pessoa do plural<sup>29</sup>
  - 3ª pessoa do plural

---

<sup>29</sup> A classificação em 2ª pessoa do singular ou do plural foi feita observando-se a presença ou não de suas desinências próprias, e não em função do valor de segunda pessoa que outras desinências podem assumir.

## GRUPOS DE FATORES EXTRA-LINGÜÍSTICOS

### - faixa etária

- jovens (15 a 25 anos)

- adultos (26 a 49 anos)

- velhos (50 anos acima)

### - nível de escolaridade

- nível 1- analfabeto a 1º grau incompleto

- nível 2- 2º grau a superior

A escolha dos grupos de fatores estruturais foi feita, procurando-se manter os mesmos grupos de fatores utilizados na análise do texto **Peregrinatio Aetheriae**, com o objetivo de facilitar a comparação dos dados. Foram retirados apenas dois grupos de fatores que não se aplicam ao **corpus** do português contemporâneo: o complementizador, uma vez que em português somente o **COMP QUE** é utilizado; e a **MODALIDADE** do Vmatriz, já que foram quantificados apenas os Vmatriz cuja **MODALIDADE** foi classificada como não-factividade II.

Baseando-se em Labov (1994), os falantes do português contemporâneo foram agrupados por faixa etária, para que se possa identificar uma possível mudança no tempo aparente, etapa essencial a um estudo que se propõe a caracterizar o tipo de fenômeno que subjaz a uma variação lingüística, se se trata de uma mudança em andamento, ou de uma variável estável. Optou-se, ainda, por utilizar o grupo de fatores “nível de escolaridade”, com o intuito de avaliar a influência do conhecimento da norma gramatical sobre o uso do MODO verbal em orações completivas objetivas diretas.

Definidos os grupos de fatores, todas as ocorrências de orações completivas objetivas diretas com Vmatriz factivos do grupo II foram digitadas no programa QEDIT, além da cadeia de codificação segundo os grupos de fatores acima relacionados, formando o arquivo de dados. Esse arquivo de dados foi, então, submetido à mesma análise estatística realizada no arquivo de dados formado a partir da *Peregrinatio Aetheriae*, através dos programas do pacote Varbrul 2S.

No primeiro levantamento estatístico, foi realizada uma análise binária nos mesmos moldes da análise do texto do latim (SUBJUNTIVO X INDICATIVO), para se tentar identificar que fator(es) dos acima relacionados estaria(m) favorecendo a presença do SUBJUNTIVO no Vcompl. No entanto, também *nesse arquivo de dados foram apontados 3 fatores “knockouts”*, não permitindo

que o programa Varbrul 2S fizesse o cálculo dos pesos relativos e a seleção dos fatores estatisticamente significativos. A ocorrência desses “knockouts” se deu, em todos os casos, no grupo de fatores “tempo do Vmatriz”, em co-ocorrência com o SUBJUNTIVO, nos seguintes fatores:

- 1- Vmatriz no futuro do pretérito (4 ocorrências)
- 2- Vmatriz no futuro do presente (4 ocorrências)
- 3- ausência de marca de tempo no Vmatriz (8 ocorrências)

A ocorrência desses fatores de efeito categórico no **corpus** do português contemporâneo pode ser relacionada ao grupo de fatores “nível de escolaridade” do informante, uma vez que todas essas ocorrências foram retiradas de entrevistas com falantes com o nível II de escolaridade, ou seja, falantes com escolaridade superior ao 2º grau. A própria utilização de algumas dessas formas, como, por exemplo, o futuro do pretérito e futuro do presente, não são facilmente encontradas na fala de informantes com nível de escolaridade I.

Retirando-se esses fatores “knockouts”, com a criação de um novo arquivo de condições excluindo-os, a partir do qual foi criado um novo arquivo de células, submeteu-se esse último arquivo ao programa IVARB, para que o mesmo realizasse o cálculo dos pesos relativos e selecionasse os fatores estatisticamente

significativos. Realizada a análise, o programa selecionou dois dos seis grupos de fatores das variáveis independentes como fatores estatisticamente relevantes para a seleção ora de INDICATIVO, ora de SUBJUNTIVO. Foram eles:

1- tempo do Vcompl

2- nível de escolaridade do informante

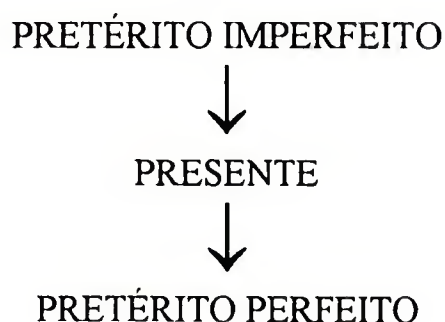
A tabela 7 apresenta a frequência de ocorrência do primeiro grupo de fatores selecionado, o tempo do Vcompl, bem como o peso relativo atribuído aos fatores pertencentes a esse grupo.

tabela 7: tempo do Vcompl no português contemporâneo.

FATORES	freqüência total de SUBJ/ de casos=%	PESO RELATIVO
presente	28/52=54%	.17
imperfeito	42/43=98%	.88
pret. perfeito	1/2=50%	.14

Em termos quantitativos, a tabela 7 mostra que o fato de o Vcompl se encontrar no pretérito imperfeito favorece bastante o uso do MODO SUBJUNTIVO (peso relativo .88), sendo o uso desse MODO quase que categórico (98% dos casos). Ambos os outros tempos apresentam pesos relativos

que apontam para o desfavorecimento do uso de SUBJUNTIVO: no presente, o peso relativo é .17 e no pretérito perfeito, .14). Estabelecendo-se uma escala semelhante à estabelecida à página 90, ao discutir esse mesmo grupo de fatores em relação ao **corpus** do latim, tem-se:



Comparando-se a escala acima com a escala da página 90, percebe-se que houve uma inversão entre os tempos presente e pretérito perfeito, uma vez que, nos dados do latim, em relação a esses mesmos tempos verbais, a seqüência estabelecida foi:

pretérito imperfeito → pretérito perfeito → presente

Uma das razões que pode ser apontada para essa inversão é o baixo número de ocorrências de pretérito perfeito no **corpus** analisado: apenas 2 casos fazem parte dos dados, uma ocorrência de INDICATIVO e uma de

SUBJUNTIVO. Baseando-se em observação assistemática, acredita-se que, se houvesse mais ocorrências de pretérito perfeito no **corpus**, o número de casos de SUBJUNTIVO seria maior do que o de INDICATIVO.

A tabela 8 apresenta a frequência de ocorrências do outro grupo de fatores selecionado como estatisticamente significativo, o nível de escolaridade do informante, além de mostrar o peso relativo atribuído aos fatores pertencentes a esse grupo.

tabela 8: nível de escolaridade dos informantes.

FATORES	freqüência total de SUBJ/ de casos=%	PESO RELATIVO
nível I	25/43 =58%	.30
nível II	46/54 =85%	.66

A tabela acima mostra que o nível de escolaridade I (analfabeto a 1º grau) faz um uso mais reduzido do MODO SUBJUNTIVO do que o nível de escolaridade II (2º grau a superior), uma vez que apresentam, respectivamente, os pesos relativos .30 (desfavorece) e .66 (favorece). Qualitativamente, pode-se interpretar que esses números caracterizam a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO como uma variável estável, já que as frequências de ocorrência apresentadas na tabela 8 podem ser associadas à noção de prestígio, se se relacionarem os níveis de escolaridade a classes sociais da

seguinte maneira: o nível de escolaridade I representaria as classes mais baixas (desfavorecem o uso da variável prestigiosa) e o nível de escolaridade II, as classes mais altas (favorecem o uso da variável prestigiosa). Além dessa correspondência, outro fator que atua de maneira a reforçar a hipótese de que a oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO seja uma variável estável é o fato de que foi demonstrado que não existe relação entre o grupo de fatores “faixa etária” e a oscilação no uso dos MODOS, como pode ser constatado na tabela 9 abaixo.

tabela 9: faixa etária dos informantes.

FATORES	freqüência total de SUBJ/ de casos=%	PESO RELATIVO
jovens	14/20 =70%	.63
adultos	33/43 =75%	.47
velhos	24/33 =73%	.46

Os pesos relativos presentes na tabela 9 acima mostram que em nenhuma faixa etária o uso de SUBJUNTIVO é favorecido ou desfavorecido. Todas elas apresentam um equilíbrio entre o uso de INDICATIVO e SUBJUNTIVO tanto nas freqüências de ocorrência, quanto nos pesos relativos, sendo que os jovens favorecem mais o uso de SUBJUNTIVO do que os adultos ou os velhos.



## CAPÍTULO 4

### CONCLUSÃO

“(...) labor omnia uicit improbus, et  
duris urgens in rebus egestas”.

(Virgílio)

A oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO no português contemporâneo é um fenômeno variável que atinge tanto orações independentes, quanto todos os tipos de oração subordinada. No presente estudo, essa oscilação foi estudada em apenas um contexto específico, a saber: em orações completivas objetivas diretas. Nesse contexto, a seleção ora de INDICATIVO, ora de SUBJUNTIVO é comumente associada a uma exigência

do Vmatriz, definida em função da MODALIDADE por ele expressa, geralmente em termos da classe semântica a que esse verbo pertence. Entretanto, essa compatibilidade entre a MODALIDADE expressa pelo Vmatriz e o MODO verbal selecionado pelo falante não se verifica sempre na língua oral no português contemporâneo, uma vez que o falante de português faz uso do MODO INDICATIVO em contextos “reservados” ao SUBJUNTIVO.

O uso não-prescritivo do SUBJUNTIVO, considerado por alguns estudiosos como capaz de tornar inaceitável a oração em que ocorre, é analisado nesse trabalho de maneira a se tentar definir que tipo de processo subjaz a essa oscilação, se esta seria uma variável estável, ou um processo de mudança em andamento.

Em termos conceituais, o MODO SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas é analisado como uma marca redundante não só de subordinação, mas também de MODALIDADE. Com base nesse posicionamento, formulou-se a hipótese de que essa oscilação modal seja, na verdade, um processo de mudança em andamento. Para testar essa hipótese, utilizou-se o grupo de fatores “faixa etária” na quantificação dos dados do português contemporâneo. Além disso, tendo em mente o fato de que a língua latina passou por um processo de reestruturação em seu sistema de complementação correlato ao observado no português contemporâneo em orações

completivas - um processo que envolveu a seleção de INDICATIVO e/ou SUBJUNTIVO - foi feito um estudo desse processo de oscilação modal em um texto do latim do sé. IV, para que se pudesse analisá-lo também em sua origem.

Considera-se que o resultado desse estudo comparativo da oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO em orações completivas objetivas diretas no português contemporâneo e no latim do século IV contribuiu para que se tivesse uma visão desse processo diferente das visões apresentadas anteriormente.

A análise estatística dos grupos de fatores extra-lingüísticos (faixa etária e nível de escolaridade) demonstrou que o uso de INDICATIVO/SUBJUNTIVO nessa estrutura com verbos factivos II não apresenta uma estratificação por idade, e sim por nível de escolaridade. Esse resultado pode ser interpretado como uma evidência de que a oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO deve ser caracterizada como uma variável estável, e não como uma mudança em andamento.

A hipótese inicial de mudança mantém-se, no entanto, tendo em vista o fato de que foi possível identificar semelhanças no processo de oscilação entre o latim e o português contemporâneo, no sentido de definir os contextos em que essa oscilação ocorre. O grupo de fatores “MODALIDADE do Vmatriz” mostrou ser significativo para esse processo de oscilação, uma vez que foi selecionado

com estatisticamente significativo em latim e apresentou uma distribuição também significativa no português contemporâneo. Esse fato reforça a hipótese de que a MODALIDADE do Vmatriz tenha atuado de forma decisiva nesse processo de mudança, uma atuação que se evidencia de diferentes maneiras. Com Vmatriz classificados como factivos, esse grupo de fatores atuaria como um facilitador para a fixação do MODO INDICATIVO, uma vez que o MODO SUBJUNTIVO, nesse contexto, é marca redundante apenas de subordinação; já com Vmatriz classificados como não-factivos II, esse mesmo grupo de fatores estaria atuando como uma barreira para a fixação do INDICATIVO, pois nesse contexto o SUBJUNTIVO seria marca redundante tanto de subordinação, quanto de MODALIDADE. Quanto aos verbos não-factivos I, pode-se considerar que a MODALIDADE por eles expressa seja média, já que é mais fraca do que a MODALIDADE expressa pelos verbos não-factivos II, mas mais forte do que a MODALIDADE expressa pelos verbos factivos. Esse fator parece ter atuado de forma a favorecer o uso de SUBJUNTIVO mais do que com verbos factivos e menos do que com verbos não-factivos II.

Dessa maneira, pode-se manter a tipologia sugerida na apresentação da hipótese, repetida abaixo, com alguns detalhamentos baseados nos dados apresentados no decorrer desse trabalho, especialmente no que se refere ao estágio da mudança em latim e ao estágio da variação em português:

tipo I- MODALIDADE: factividade

estágio da mudança no latim do séc.IV: ampla oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO, quando o Vcompl se encontra no presente, oscilação média no pretérito perfeito e muito reduzida no pretérito imperfeito (predomínio de SUBJUNTIVO)

estágio da mudança no português contemporâneo: uso categórico de INDICATIVO

tipo II- MODALIDADE: não-factividade I (dúvida, hipótese, ...)

estágio da mudança no latim do séc.IV: amplo uso da estrutura clássica de acusativo com INFINITIVO, pequena oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO

estágio da mudança no português contemporâneo: ampla oscilação entre INDICATIVO/SUBJUNTIVO, com predomínio de INDICATIVO

tipo III- MODALIDADE: não-factividade II (volição, comando, ...)

estágio da mudança no latim do séc.IV: nenhuma ocorrência de INDICATIVO, pequena oscilação entre a estrutura clássica de acusativo com INFINITIVO e MODO SUBJUNTIVO, com predomínio deste último.

estágio da variação no português contemporâneo: ampla oscilação entre INDICATIVO e SUBJUNTIVO, quando o Vcompl se encontra no pretérito perfeito e no presente, oscilação bastante restrita no pretérito imperfeito, com uso quase que categórico de SUBJUNTIVO

O fato de o grupo de fatores “tempo do Vcompl” ter sido selecionado como estatisticamente significativo em ambas as línguas, e, além disso, apresentar semelhança em relação aos tempos verbais que estão mais sujeitos à essa oscilação, mostra que, ainda que seja no português contemporâneo uma variável estável, essa oscilação pode ser interpretada como uma etapa do mesmo processo de mudança identificado em latim com os verbos factivos, um processo que se desenvolve através do eixo do tempo.

Entende-se que a caracterização da oscilação entre os MODOS INDICATIVO e SUBJUNTIVO como um processo de mudança para os verbos factivos e os fatos novos em relação aos verbos não-factivos apresentados nesse estudo somente se tornaram possíveis porque, apesar de a observação dessa oscilação ter partido do presente, voltou-se ao passado e, em seguida, ao presente novamente.

Considera-se que esse paralelismo encontrado no processo de complementação das orações completivas objetivas diretas nas línguas latina e portuguesa, em relação à seleção modal, seja uma importante contribuição para que se tenha uma visão mais abrangente e menos superficial desse fenômeno variável, além de abrir perspectiva para que o mesmo seja estudado em outros processos de complementação, como em orações adjetivas e adverbiais.

## APPENDIX 1

### OCORRÊNCIAS DE ORAÇÕES COMPLETIVAS

#### OBJETIVAS DIRETAS NA PEREGRINATIO

#### AETHERIAE

Vallis autem ipsa ingens est ualde, iacens subter latus montis Dei, quae habet forsitan, quantum potuimus uidentes estimare aut ipsi dicebant, IN LONGO MILIA PASSOS FORSITAN SEDECIM, IN LATO AVTEM QVATTVOR MILIA (1) ESSE APPELLABANT. (P. 182)



Et cum hi omnes, qui per girum sunt, tam excelsi sint, QVAM NVNQVAM ME PVTO (2) VIDISSE, tamen ipse ille medianus, in quo descendit maiestas Dei, tanto altior est omnibus illis ut, cum subissemus in illo, prorsus toti illi montes, quos excelsos uideramus, ita infra nos essent, ac si collicui permodici essent. (p.184)

Illud sane satis admirabile est et SINE DEI GRATIA PVTO ILLVD NON (3) ESSE ut, cum omnibus altior sit ille medianus, qui specialis Syna dicitur, id est in quo descendit maiestas Domini, tamen uideri non possit, nisi ad propriam radicem illius ueneris, ante tamen quam eum subeas; nam posteaquam completo desiderio descenderis inde, et de contra illum uides, quod, antequam subeas, facere non potest. (p.184)

Hoc autem, antequam perueniremus ad montem Dei, iam referentibus fratribus cognoueram, et postquam ibi perueni, ITA (4) ESSE MANIFESTE COGNOVI. (P. 184)

Hac sic ergo iubente Christo Deo nostro, adiuta orationibus sanctorum, qui comitabantur, et sic cum grandi labore, quia pedibus me ascendere necesse erat quia prorsus nec in sella ascendi poterat, tamen ipse labor non sentiebatur -ex ea parte autem non sentiebatur labor, QVIA DESIDERIVM, QVOD HABEBAM, IVBENTE DEO VIDEBAM (5) COMPLERI:- hora ergo quarta peruenimus in

summitatem illam montis Dei sancti Syna, ubi data est lex in eo, id est loco, ubi descendit maiestas Domini in ea die, qua mons fumigabat. (p. 186)

Hac sic ergo, posteaquam communicaueramus et dederant nobis eulogias sancti illi et egressi sumus foras hostium ecclesiae, TVNC CEPI EOS *ROGARE*, VT (6) **OSTENDERENT** NOBIS SINGULA LOCA. (p. 188)

ILLVD AVTEM VOS *VOLO* (7) **SCIRE**, DOMINAE VENERABILES SORORES, QVIA DE EO LOCO, VBI STABAMUS, ID EST IN GIRO PARIETES ECCLESIAE, ID EST DE SVMMITATE MONTIS IPSIVS MEDIANI, ITA INFRA NOS (8) **VIDEBANTVR** ESSE ILLI MONTES, quos primitus uix ascenderamus, iuxta istum medianum, in quo stabamus, ac si essent illi colliculi, cum tamen infiniti essent, VT NON ME *PVTAREM* ALIQVANDO ALTIORES (9) **VIDISSE**, nisi quod hic medianus eos nimium precedebat. (p. 188)

Et alia die maturius uigilantes *ROGAVIMVS* PRESBYTEROS, VT ET IBI (10) **FIERET** OBLATIO, sicut et facta est. (p. 194)

Ostenderunt etiam locum, VBI FILIOS ISRAHEL *IVSSIT* (11) **CVRRERE** SANCTVS MOYSES *DE PORTA IN PORTA*, regressus a monte. (p. 196)

Ac sic ergo singula, quaecumque scripta sunt in libris sanctis Moysi facta fuisse in eo loco, id est in ea ualle, QVAM *DIXI* (12) **SVIACERE** MONTI DEI, ID EST SANCTO SYNA, ostensa sunt nobis. (p. 196)

Nam ostensus est nobis et ille locus, in quo confixum a Moyse est primitus tabernaculum, et perfecta sunt singula, QVAE *IVSSERAT* DEVS IN MONTEM MOYSI, VT (13) **FIERENT**. (p. 198)

NAM MICHI (14) **CREDAT** VOLO AFFECTIO VESTRA, QVANTUM TAMEN PERVIDERE POTVI, FILIOS ISRAHEL SIC (15) **AMBVLASSE**, ut quantum irent dextra, tantum reuerterentur sinistra, quantum denuo in ante ibant, tantum denuo retro reuertebantur, et sic fecerunt ipsum iter, donec peruenirent ad mare Rubrum. (p. 202)

Nunc autem ibi nichil aliud est nisi tantum unus lapis ingens Thebeus, in quo sunt duae statuae exclusae, ingentes, QVAS *DICUNT* (16) **ESSE** SANCTORVM HOMINVM, id est Moysi et Aaron; NAM *DICENT*, EO QVOD FILII ISRAHEL IN HONORE IPSORVM EAS (17) **POSVERINT**. (p. 206)

NAM ET HOC NOBIS IPSE SANCTVS EPISCOPVS *RETVLIT*, EO QVOD FARAO, QVANDO *VIDIT* QVOD FILII ISRAHEL (18) **DIMISERANT** EVM, TVNC ILLE, PRIVSQVAM POST ILLOS OCCVPARET, (19) **ISSET** CVM OMNI EXERCITV SVO INTRA RAMESSE

ET (20) **INCENDISSET** EAM OMNEM, QVIA INFINITA ERAT VALDE, ET INDE POST FILIOS ISRAHEL (21) **FVISSET PROFECTVS**. (p. 208)

Et quid plura? PVLCHRIOREM TERRITORIVM *PVTO* ME NVNQUAM (22) **VIDISSE**, quam est terra Iessen. (p. 208)

Item transacto aliquanto tempore et iubente Deo fuit denuo uoluntas accedendi usque ad Arabiam, id est ad montem Nabau, in eo loco, IN QVO *IVSSIT* DEVS (23) **ASCENDERE** MOYSEN DICENS AD EVM: *Ascende in montem Arabot, montem Nabau, qui est in terra Moab contra faciem Iericho, et uide terram Chanaan, quam ego do filiis Israhel in possessionem, et morere in monte ipso, in quem ascenderis.* (p. 210)

Hi ergo sancti monachi dignati sunt nos suscipere ualde humane, NAM ET AD SALVTATIONEM SVAM *PERMISERVNT* NOS (24) **INGREDI**. (p. 214)

Nam memoria illius, ubi positus sit in hodie non ostenditur; sicut enim nobis a maioribus, qui hic manserunt, ubi ostensum est, ita et nos uobis monstramus: QVI ET IPSI TAMEN MAIORES ITA SIBI (25) **TRADITVM** A MAIORIBVS SVIS **ESSE DICEBANT**. (p. 216)

**SED MIHI CREDITE**, DOMINAE VENERABILES, QVIA COLUMNA IPSA IAM NON (26) **PARET**, locus autem ipse tantum ostenditur; columna ipsa dicitur mari Mortuo fuisse quoperta. (p. 218)

NAM EPISCOPVS LOCI IPSIVS, ID EST DE SEGOR, *DIXIT* NOBIS, QVONIAM IAM ALIQVOT ANNI (27) **ESSENT**, A QVO NON PARERET COLVMNA ILLA. (p. 218)

Multos enim sanctos monachos uidebam inde uenientes in Ierusalimam ad uisenda loca sancta gratia orationis, qui singula referentes de eisdem locis, fecerunt magis desiderium imponendi michi laboris, ut etiam usque ad illa loca accederem, si tamen labor dici potest, **VBI HOMO DESIDERIVM SVVM (28) COMPLERI VIDET.** (p. 220)

Nam ecce ista uia, **QVAM VIDETIS (29) TRANSIRE INTER FLVVIVM IORDANEM** et uicum istum, haec est qua uia regressus est sanctus Abraam de uerde Codollagomor regis gentium reuertens in Sodomis, qua ei occurrit sanctus Melchisedech rex Salem". (p. 224)

**TVNC ERGO QVIA (30) RETINEBAM SCRIPTVM ESSE BAPTIZASSE SANCTVM IOHANNEM IN ENON IVXTA SALIN,** requisitui de eo, quam longe esset ipse locus. (p. 224)

Tunc ergo gratias ei agere coepi et *ROGARE*, **VT (31) DVCERET NOS AD LOCVM, SICVT ET FACTVM EST.** (p. 224)

*ILLVD ETIAM PRESBYTER SANCTVS DIXIT* NOBIS, EO QVOD **VSQVE IN HODIERNA DIE SEMPER CATA PASCHA, QVICVMQVE ESSENT BAPTIZANDI IN IPSO VICO, ID EST IN ECCLESIA, QVAE**

APPELLATVR OPVS MELCHISEDECH, OMNES IN IPSO FONTE (32) BAPTIZARENTVR, SIC (33) REDIRENT MATVRE AD CANDELAS CVM CLERICIS ET MONACHIS DICENDO PSALMOS VEL ANTIPHONAS ET SIC A FONTE VSQVE AD ECCLESIAM SANCTI MELCHISEDECH (34) DEDVCERENTVR MATVRE OMNES, QVI FVISSENT BAPTIZATI. (p. 226)

Tunc ergo ego, ut sum satis curiosa, requirere cepi, quae esset haec uallis, ubi sanctus, monachus nunc, monasterium sibi fecisse; NON ENIM *PVTABAM* HOC SINE CAVSA (35) ESSE. (p. 228)

AC SIC ERGO NOS ALIA DIE MANE *ROGAVIMVS* EPISCOPVM, VT (36) FACERET OBLATIONEM, sicut et facere dignatus est, et benedicens nos episcopus profecti sumus. (p. 230)

Item in nomine Dei, transacto aliquanto tempore, cum iam tres anni pleni essent, a quo in Ierusalimam uenissem, uisis etiam omnibus locis sanctis, ad quos orationis gratia me tenderam, et ideo iam reuertendi ad patriam animus esset: *VOLVI*, IVBENTE DEO, VT ET AD MESOPOTAMIAM SYRIAE (37) ACCEDERE AD VISENDOS SANCTOS MONACHOS, qui ibi plurimi et tam eximiae uitae esse dicebantur, ut uix referri possit, nec non etiam et gratia orationis ad martyrium sancti Thomae apostoli, ubi corpus illius integrum positum est, id est apud Edessam, quem se illuc misssurum, postea quam in caelis

ascendisset, Deus noster Iesus testatus est per epistolam, quam ad Aggarum regem per Ananiam cursorem misit, que epistula cum grandi reuerentia apud Edessam ciuitatem, ubi est ipsud martyrium, custoditur. (p. 232)

NAM MIHI (38) *CREDAT VOLO* AFFECTIO VESTRA, QVONIAM NVLLVS CHRISTIANORVM (39) EST, qui non se tendat illuc gratia orationis, quicumque tamen usque ad loca sancta, id est in Ierusalimis, accesserit; et hic locus de Ierusalima uicesima et quinta mansione est. (p. 232)

Et quoniam sanctus episcopus ipsius ciuitatis, uir uere religiosus et monachus et confessor, suscipiens me libenter ait michi: "QVONIAM *VIDEO* TE, FILIA, GRATIA RELIGIONIS TAM MAGNVM LABOREM TIBI (40) *IMPOSVISSE*, ut de extremis porro terris uenires ad haec loca, itaque ergo, si libenter habes, quaecumque loca sunt hic grata ad uidendum christianis, ostendimus tibi": tunc ergo gratias agens Deo primum ET SIC IPSVM *ROGAVI* PLVRIMVM, VT (41) *DIGNARETVR* FACERE, QVOD DICEBAT. (p. 234)

Tunc ait mihi sanctus episcopus: "Ecce res Aggarus, QVI ANTEQVAM *VIDERET* DOMINVM, *CREDIDIT* EI, QVIA (42) *ESSET* FILIUS DEI". (p. 236)

Nam erat et iuxta archiotipa similiter de tali marmore facta, QVAM *DIXIT* FILII IPSIUS (43) *ESSE* MAGNI, similiter et ipsa habens aliquid gratiae in uultu. (p. 236)

Et post dixit: 'Domine Iesu, TV *PROMISERAS* NOBIS, NE ALIQUIS HOSTIVM (44) *INGREDERETVR* CIVITATEM ISTAM, et ecce nunc Persae inpugnant nos'. (p. 236)

Nam erat et iuxta archiotipa similiter de tali marmore facta, *QVAM DIXIT* FILII IPSIVS (45) *ESSE MAGNI*, similiter et ipsa habens aliquid gratiae in uultu. (p. 236)

Postmodum autem, *CVM VIDERENT* SE NVLLO MODO (46) *POSSE* *INGREDI* IN CIVITATEM, uoluerunt siti eos occidere, qui in ciuitate erant. (p. 238)

*ILLVD ETIAM RETVLIT* SANCTVS EPISCOPVS, EO "QVOD HII FONTES VBI ERVPERVNT, ANTE SIC (47) *FVERIT* CAMPVS INTRA CIVITATEM SVBIACENS PALATIO AGGARI. (p. 238)

*ILLVD ETIAM RETVLIT* NOBIS SANCTVS IPSE DICENS EO QVOD EX EA DIE, QVA ANANIAS CVRSOR PER IPSAM PORTAM INGRESSVS EST CVM EPISTOLAM DOMINI, VSQUE IN PRESENTEM DIEM (48) *CVSTODIATVR*, ne quis immundus, ne quis lugubris per ipsam portam transeat, sed nec corpus alicuius mortui eiciatur per ipsam portam. (p. 240)

Itaque ergo hoc nobis ultra spem grate satis euenit, ut sanctos et uere homines Dei monachos Mesopotamemos ibi uideremus, etiam et eos, quorum fama uel uita longe audiebatur, *QVOS TAMEN NON AESTIMABAM* ME



PENITVS (49) **POSSE VIDERE**, non quia impossibile esset Deo etiam et hoc prestare michi, quia omnia prestare dignabatur, *SED QVIA AVDIERAM EOS, EO QVOD EXTRA DIEM PASCHAE ET EXTRA DIEM HANC, NON EOS* (50) **DESCENDERE DE LOCIS SVIS**, quoniam tales sunt, ut et uirtutes faciant multas, et quoniam nesciebam, quo mense esset dies hic martyrii, quem dixi. (p. 242)

Et quoniam episcopus illius ciuitatis ualde instructus est de scripturis, requisiiui ab eo dicens: "*ROGO TE, DOMINE, VT* (51) **DICAS MICH**I, *QVOD DESIDERO AVDIRE*". (p. 244)

Tun ego dixi: "*SANCTVM ABRAAM CVM PATRE THARA ET SARRA VXORE ET LOTH FRATRIS FILIO SCIO PER SCRIPTVRAS IN EO LOCO* (52) **VENISSE**; Naor autem uel Bathuhelem non legi, quando in isto loco transierint, *NISI QVOD HOC SOLVM SCIO, QVIA POSTMODVM PVER ABRAAE, VT PETERET REBECCAM FILIAM BATHVHELIS FILII NAHOR FILIO DOMINI SVI ABRAAE, ID EST YSAAC, IN CHARRA* (53) **VENERIT**". (p. 244)

*NAM VERE SCRIPTVRA HOC TESTATVR, QVONIAM AD ACCIPIENDAM SANCTAM REBECCAM HVC* (54) **VENERIT PVER SANCTI ABRAAE, ET DENVO SANCTVS IACOB HIC (55) **VENERIT**, quando accepit filias Laban Syri. (p. 246)**

NAM *NOLO* (56) *AESTIMET* AFFECTIO VESTRA, MONACHORVM  
[ALIQVANDO] ALIAS FABVLAS (57) ESSE NISI AVT DE SCRIPTVRIS  
DEI AVT GRATA MONACHORVM MAIORVM. (p. 248)

Vt autem sciret affectio uestra, quae operatio singulis diebus cotidie in  
locis sanctis habeatur, certas uos facere debui, *SCIENS QVIA LIBENTER* (58)  
*HABERETIS HAEC COGNOSCERE*. (p. 256)

Item fit oratio et denuo mittet diaconus uocem *ET COMMONET*, VT  
VNVSQVISQVE STANS FIDELIVM (59) *INCLINENT CAPITA SVA*, item  
benedicet fideles episcopus et sic fit missa Anastasi. (p. 258)

Ipsa autem die non mittitur uox ut peruigiletur ad Anastase, *QVONIAM*  
*SCIT POPVLVM FATIGATVM* (60) *ESSE*, sed consuetudo est ut peruigiletur  
ibi. (p. 296)

Vbi cum uentum fuerit, dicuntur ymni apti diei et loco, fit oratio et legitur  
ille locus de euangelio, ubi eadem die Dominus in eodem loco, ubi ipsa ecclesia  
nunc in Syon est, clausis ostiis ingressus est discipulis, id est quando tunc unus ex  
discipulis ibi non erat, id est Thomas, qua reuersus est *ET DICENTIBVS EI*  
*ALIIS APOSTOLIS, QVIA DOMINVM* (61) *VIDISSENT*, ille dixit: *Non*  
*credo, nisi uidero*. (p. 300)

Si autem in aliquo accusatur, *IVBET ILLVM FORAS* (62) *EXIRE* dicens:  
"Emendet se, et cum emendauerit se, tunc accedet ad lauacrum". (p. 312)

HOC AVTEM, DOMINAE SORORES, NE *EXTIMARETIS* SINE RATIONE (63) **FIERI**, SCRIBERE DEBVI. (p. 312)

ET SI *PROBAVERIT* SINE REPREHENSIONE (64) **ESSE** DE HIS OMNIBVS, quibus requisivit presentibus testibus, annotat ipse manu sua nomen illius. (p.312)

DEVS AVTEM *SCIT*, DOMINAE SORORES, QVONIAM MAIORES VOCES (65) **SVNT FIDELIVM**, qui ad audiendum intrant in cathecisen, ad ea quae dicuntur uel exponuntur per episcopum, quam quando sedet et predicat in ecclesia ad singula, quae taliter exponuntur. (p. 314)

ET NE *EXTIMETIS* ALIQUID SINE RATIONE (66) **FIERI**, cum in nomine Dei baptidiati fueritis, per octo dies paschales post missa facta de ecclesia in Anastase audietis: quia adhuc cathecumini estis, misteria Dei secretiora dici uobis non possunt". (p. 316)

*PVTAT* SE MAXIMVM PECCATVM (67) **INCVRRISSE**, qui in hisdem diebus tante sollennitati inter non fuerit, si tamen nulla necessitas contraria fuerit, que hominem a bono proposito retinet. (p. 320)

## APPENDIX 2

### DADOS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Não *GOSTO* que (1) **BATE**.

A gente *ESTÁ AGUARDANDO* que essa luz (2) **CHEGUE** logo.

Não *GOSTA* que (3) **FALE** besteira.

A qual nível você *QUER* que (4) **FALA** ?

Você *QUER* que eu (5) **FALE** sobre a infância ?

(...) *ESPERANDO* que o motorista (6) **CHEGASSE** e (7) **FOSSE** xingar.

(...) *ESPERANDO* que o menino (8) **SAISSE**.

Você *QUER* que (9) **PUXA** devagar ou com força ?

Então ela *FALOU* com ela (10) que **TOMASSE** água.

Eu *ESPERO* que ele (11) **MELHORE** muito.

*ESPERO* que ele nunca mais (12) **TENHA** isso.

*ESPERO* que (...) que no 1º turno já (13) **DECIDE** isso.

*QUERO* que esse homem que está lá (14) **SAIA** de uma vez.

Eu *GOSTARIA* que (15) **VOLTASSE** o festival.

*ESPERO* que (16) **MELHORE**.

*QUERIA* que (17) **CHEGASSE** cedo.

Nunca *QUERIA* que a gente (18) **FICASSE**.

Você *QUER* que (19) **CANTA** a música toda ?

Você *QUER* que (20) **FALA** uma parte da novela ?

Não *VAI QUERER ACEITAR* que os filhos da gente nos (21) **COLOQUE**

no asilo.

Eu *RECOMENDO* que (22) **TRABALHE** com criança.

Eu *GOSTARIA* que ele (23) **FOSSE** diferente.

Não *QUERO* que isso me (24) **ATRAPALHE**.

Elas não *GOSTA* que (25) **FAZ** assim.

Zé Leandro não *QUIS* que (25) **CONTINUASSE**.

Nós *AVISAMOS* pra ele que não (26) **FOSSE** lá.

A gente *ESPERA* que no próximo ano a gente (27) **POSSA** estar com mais.

Não *QUERO* que ele me (28) **ENROLA**.

*GOSTARIA* que meu irmão (29) **FOSSE**.

*QUERIAM* que eu (30) **NAMORASSE** com o cara.

Eles *QUERIAM* que você (31) **CASASSE**.

Não *QUEREM* que isso (32) **ACONTEÇA** com a gente .

Ele não *QUERIA* que a água (33) **PASSASSE** no terreno.

*ESPERO* que (34) **SEJE** bom.

Ele *PREFERE* que a gente que participa do coral (35) **TEM** de ser do coral.

Eu *PEDI* a minha mãe que (36) **FIZESSE** uma missa.

Ele *QUER* que eu (37) **VOU**, mas eu não posso.

Afonso *QUER* que eu (38) **CHAMO** eles e (39) **TIRO** a limpo.

*ESPERO* que Afonso (40) **ALUGOU** os filme que eu queria.

Ele não *GOSTA* que (41) **BATE** de jeito nenhum.

Ela não *QUER* que eu (42) **FICO** dormindo lá em cima.

Afonso não *QUER* que (43) **SAIBA** de jeito nenhum.

Eu *PREFERIA* que ele (44) **TIVESSE ESTOURADO**.

(...) ele *QUERIA* que (45) **FOSSE** aos meus amigos e (46) **DISMARCASSE** tudo e *QUERIA* que a geladeira da casa que estava emprestada que (47) **COLOCASSE** ela lá de qualquer jeito.

Eu sei que o senhor quer, que o senhor é pai, *QUER* que os filhos (48)

**FICAM** juntos.

(...) não vai *QUERER* que eu (49) **CHEGUE** lá, (50) **ABRASSE** e tal.

Minha namorada não *GOSTA* que (51) **CONTA** caso dela não.

Se eu tivesse desfilando, eu *GOSTARIA* que eu (52) **TIVESSE**

**GANHADO**.

Que que você *QUER* que eu (53) **FAÇO** da minha vida ? Que eu me (54)

**CONTRATE** como empregada da minha mãe ?

Ele ficava tomando conta da privada (...) para *EVITAR* que os alunos (55)

**FUMASSEM** lá dentro.

Ele *EXIGIA* que os alunos (56) **FIZESSEM** umas fichas.

(...) todos os meus filhos eu *QUIS* que (57) **ESTUDASSE** no Santo

Antônio.

(...) e *QUERÍAMOS* que o, que ele (58) **CANTASSE**.

Graças a Deus *TENHO CONSEGUIDO* que eles (59) **CAMINHEM**, (60)

**POSSAM** andar sozinhos.

Eles demonstravam que *QUERIA* mais que eu (61) **TRABALHASSE**.

Às vezes ele não aceita, não *ACEITA* muito que pessoa assim como auxiliar (62) **CHAMA** atenção.

(...) e que **PRECISAVA** que a pessoa (63) **FOSSE** com ela lá apanhar o arroz e que (64) **DESSE** os cinco cruzeiro.

Aí quando esse homem cismou que mãe queria *DEIXAR* que ela (65) **VIVESSE** com ele (...)

*PEDI* a igreja que (66) **ORASSE** por essa causa, *PEDINDO* que (67) **TIVESSE** misericórdia, (68) **CUBRISSE** o meu lar com o sangue dele, que não (69) **DEIXASSE** que sangue nem dum inocente (70) **FOSSE DERRAMADO**, e que os demônios (71) **FOSSE** amarrado naquela hora em nome de Jesus.

Eu não vou *QUERER* que uma bomba (72) **SEJA** lá.

(...) alguém que eu não *QUERO* que (73) **MORRA**, que eu não *QUERO* que (74) **SOFRA**.

*QUERIA* que (75) **FIZESSE** tudo pra mim, me (76) **LEVASSE** em tal lugar.

O que importa pra mim é o que eu quero fazer e não o que os outros *QUEREM* que eu (77) **FAÇA**.

O que ela *QUER* que você (78) **ASSISTA**.

Ele não *QUIS* mais nem que eu (79) **CONTINUASSE** a trabalhar.

Todos os lugares que eles vão eles *QUEREM* que eu (80) **VÁ**.

Eu *GOSTO*, mamãe, que (81) **SEJA** nossa, porque a senhora ensina.



Ela não *DEIXAVA* que (82) **FIZESSE** amigos.

Ele *GOSTA* que (83) **TENHA** amiguinhas.

Ele *GOSTA* que (84) **COLOCA** tudo.

(...) *PEDIU* que (85) **FOSSE** no bar da esquina e (87) **COMPRASSEM** várias caixas.

Ele não *QUER* que eu (88) **VOU**.

A mãe dela não *QUER* que ela (89) **VAI** embora de jeito nenhum, *QUER* que ela (90) **FIQUE** comigo.

Eu *QUERIA* que ela (91) **FICAVA** aqui.

Ela *QUER* que a Juliana (92) **VOLTE** pra casa.

Não *QUER* que eu (93) **FICO** lá não.

Não *QUER* que (94) **FICA** lá não.

Não *GOSTA* que (95) **VAI** na casa dela.

Ela *QUERIA* que (96) **FOSSE** lá na Pampulha.

*ESPERO* que essa entrevista (97) **TENHA** sido útil pra você fazer seu trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arce, A. *Itinerario de la Virgen Egeria*. texto bilingue latim-espanhol. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1980.
- Azevedo, M. M. *O Subjuntivo em Português: um estudo transformacional*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- Barra Rocha, M. M. "O Modo Subjuntivo em Português- um estudo contrastivo com o Italiano" - dissertação de mestrado inédita - Belo Horizonte: UFMG, 1992.
- Bárbara, L. *Sintaxe Transformacional do Modo Verbal*. São Paulo: Ática, 1975.
- Bastardas Parera, J. *Particularidades Sintacticas de Latin Medieval*. Barcelona: Selecciones Graficas, 1953.
- Bassols de Climent, M. *Sintaxis Latina (vols. I e II)* - 3ª ed. - Madrid, 1971.
- Bechara, E. *Moderna Gramática Portuguêsa* - 13ª ed. - São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.
- Blatt, F. *Précis de Syntaxe Latine*. Lyon: IAC, 1952.

Botelho Pereira, M. A. “Aspectos da Oposição Modal Indicativo/ Subjuntivo no Português Contemporâneo”.- dissertação de mestrado inédita - Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

Brandão, C. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. BH, MG, 1963.

Bueno, F. S. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edição Saraiva, 1968.

Bynon, T. *Historical Linguistics* - 4ª reimpressão - Cambridge University Press, 1993.

Câmara Jr., J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa* - 4ª ed. - Rio de Janeiro: Padrão-Livraria e Editora Ltda, 1985.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Filologia e Gramática* - 3ª ed. revista e aumentada - Rio de Janeiro: J. Ozon + Editor, 1968.

Cart, A. et alii. *Gramática Latina*. São Paulo: EDUSP, 1986.

Cegalla, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* - 28ª ed. - São Paulo: Cia Editora Nacional, 1985.

Cohen, M. A. A. M. “Syntactic Change in Portuguese: relative clauses and the position of the adjective in the Noun Phrase”, tese de doutorado inédita, UNICAMP, 1986/1989.

Corominas, J. *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid: Editorial Gredos, 1954.

- Cunha, C. *Gramática do Português Contemporâneo* - 2ª ed. - Belo Horizonte: Editôra Bernardo Alves S.A., 1971.
- \_\_\_\_\_. *Gramática da Língua Portuguesa* - 3ª ed. - Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1976.
- Diaz, C.M. & Diaz. *Antologia del Latin Vulgar* - 2ª ed. - Madrid: Biblioteca Romanica Hispanica / Editorial Gredos, 1962.
- Elia, A. “Pour un lexique-grammaire de la langue italienne: les complétives object” in *Linguisticae Investigationes* II: 2, Amsterdam, 1978.
- Ernout, A. *Petrone - Le Satiricon*. - texto bilingue latim-francês - 9ª ed. - Paris: Société d’Edition “Les Belles Lettres”, 1982.
- Ernout & Thomas. *Syntaxe Latine*. - 2ª ed. - Paris: Libraire C. Klincksieck, 1952.
- Faria, E. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Gramática Latina* - 2ª ed. rev. e aum. - Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário Escolar Latino-Português* - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza S/A, 1962.
- Fávero, L. L. “O Modo Verbal da Oração Completiva”. in *Revista Brasileira de Linguística*. vol 6, nº1. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

- Fleischman, S. *The Future in Thought and in Language*. Cambridge University Press, 1982.
- Grandgent, C. H. *Introduccion al Latin Vulgar* - 2ª ed. - Madrid: Selecciones Graficas, 1952.
- Halliday, M. A. K. "Language Structure and Language Function" in Lyons. *New Horizons in Linguistics*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books Ltd., 1970.
- Harris, M. "The Subjunctive Mood as a Changing Category in Romance", in Anderson & Jones. *Historical Linguistics II*, N.Y.: North Holland Publ. Company, 1974.
- Huot, H. "Le Subjonctif dans les Complétives: Subjectivité et Modalisation", in *La Grammaire Modulaire*. Paris: Eds. Ronat, Mitsou e Couquaux, Daniel. Les Editions de Minuit, 1986.
- Itineraria et Alia Geografica*. vol. 25. série Corpus Christianorum. Ed. Turnholti Typographie, Bretols editores Pontificii.
- Jaspers et alii. *Sentencial Complementation and the Lexicon*. Dordrecht: Foris Publication, 1989.
- Jespersen. *The Philosophy of Language*. London: George Allen & Unwin Ltd., 1924.

- Labov, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change - Internal Factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- Leumann et alii. *Lateinische Grammatik*. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1965.
- Lewis, C. & Short, C. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1955.
- Luft, C. P. *Moderna Gramática Brasileira - 9ª ed - Rio de Janeiro: Globo, 1989.*
- Lyons, J. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge University Press, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Semantics II*. Cambridge University Press, 1977.
- Machado, J.P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1952.
- Maurer Jr., T. H. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- Meyer-Lübke, W. *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1935.
- Mollica, M. C. M. (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos, CEG/UFRJ, 1992.

- Naro, A. J. & Lemle, M. "Syntactic Diffusion" in *Ciência e Cultura*, v.29, nº 3, p.259-268, São Paulo, 1977.
- Nicolau, E. D. "A Ausência de Concordância Verbal em Português: uma Abordagem Sociolingüística" - dissertação de Mestrado inédita - Belo Horizonte: UFMG, 1984.
- Palmer, L. R. *The Latin Language*. London: Faber and Faber Limited, 1954.
- Pereira, E. C. *Gramática Histórica*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1929.
- Pétre, H. *Étherie Journal de Voyage*. Paris, 1948.
- Picallo, M. C. "The Infl Node and the Null Subject Parameter", in *Linguistic Inquiry*, 15, 1 75-102, 1983.
- Podolsky, P. L. *Las Completivas Objeto en Español*. Mexico: El Colegio de Mexico, 1984.
- Poplack, S. "The Inherent Variability of the French Subjunctive" in *Current Issues in Linguistic Theory* - vol. 74, John Benjamins Publishing Co., Amsterdam/Philadelphia, 1992.
- Rubio, L. *Introducción a la Sintaxis Estructural del Latin (vol II)-La Oración*. Barcelona: Editorial Ariel, 1976.
- Said Ali, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

- \_\_\_\_\_. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* - 7ª ed. - São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.
- Scherre, M. M. P. “Introdução ao Pacote Varbrul para Microcomputadores” - texto inédito - Brasília UFRJ/UnB, 1993.
- Silva Dias, A. E. *Syntaxe Historica Portuguesa* - 4ª ed. - Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.
- Tarallo, F. “Relativization Strategies in Brazilian Portuguese” - tese de doutorado inédita - Universidade da Pennsylvania, 1983.
- \_\_\_\_\_. “Reflexões sobre o Conceito de Mudança Lingüística”. in *Organon*, vol. 18. Revista do Instituto de Letras da UFRS, 1991.
- Väänänen, V. *Le Journal-Épître d'Égérie (Itinerarium Egeriae)-Étude Linguistique*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia, 1987.
- Wherritt, I. “Patterns of the Subjunctive in Brazilian Portuguese”. in *Revista Brasileira de Linguística*, vol. 5, nº 2, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.



## ERRATA

	onde se lê	leia-se
p.20-linha 2	preencha	preencha
p.32-nota 5		
linha 2	tendo se	tendo-se
p.43-linha 10	conciliar	conciliarem
p.51-ex. (27)	adverb.	dat.sing.fem.
	com	para
p.66-linha 15	mostragem	amostragem
p.70-ex. (40)	pret.imp.	pret.+q.perf.
	<i>viria</i>	<i>teria vindo</i>
p.75-linha 14	podem expressas	podem ser expressas
p.82-linha 10	pág.12	pág.26
linha 20	em (45)	em (49)
p.85-nota 21		
linha 3	clássico <i>sapere</i>	clássico <i>sap̄ere</i>
linha 6	de <i>quaerere</i>	de <i>quaer̄ere</i>
linha 11	<i>quaerere</i>	<i>quaer̄ere</i>
p.93-ex. (54a)	1ªp.p.acus.	1ªp.p.nom.
p.116-linha 7	submetidos	submetidas
p.122-linha 10	Vmatriz factivos	Vmatriz não-factivos
p.125-linhas 3 e 10	página 90	página 111
p.130-linha 3	sé.IV	séc.IV
p.131-linha 1	com	como
p.138-linha 1	quaecumque	quecumque
linha 2	<b>SVIACERE</b>	<b>SVBIACERE</b>
p.149-linha 18	<b>DISMARCASSE</b>	<b>DESMARCASSE</b>
p.151-linha 6	<b>CUBRISSE</b>	<b>COBRISSE</b>
p.150-linha 3	<b>ABRASSE</b>	<b>ABRACE</b>

inserir na seção LISTA DE ABREVIATURAS UTILIZADAS AO LONGO DA DISSERTAÇÃO: E=entrevista

inserir nas REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Castilho, A.T. & Preti, D. (org.) *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Projeto NURC/SP - vol. 1 - Elocuções Formais. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1986.

Oliveira, M.A. "Sobre os Reflexos da Mudança em Progresso". in *Ensaio de Lingüística* - vol 7. Belo Horizonte/UFMG, 1982.